

ELE NÃO QUERIA UMA ESPOSA
MAS AGORA NÃO VIVERIA SEM ELA...

O PRÍNCIPE ÁGUIA

Irmãos Balden

JOSIANE VEIGA



O Príncipe Águia



Irmãos Balden

Livro 3

Conclusão

É proibida a distribuição total ou parcial dessa obra sem a prévia autorização da autora.

Todos os direitos pertencem a Josiane Biancon da Veiga

ISBN: 9781980620051

Sinopse

Ele não queria uma Esposa.

Foram as circunstâncias que levaram Brandon Balden a casar-se com Megan Keelin. Uma vida regada de sabores e prazeres não combinava com a passividade de um casamento com uma mulher esquecida até pela família.

Contudo, com o passar dos dias aprendeu que Megan poderia ser qualquer coisa, mas nunca uma vítima.

Ela não queria um marido.

Megan sonhava em cuidar de sua Casa com suas próprias decisões. Com a morte dos irmãos, o desaparecimento de Finn – o futuro herdeiro – passou a ela o esforço de manter próspera a Casa de Keelin. Todavia, uma mulher em sua terra não poderia ser dona de si mesma. Assim, foi dada a um intrépido homem do deserto. Alguém que ela detestava.

Mas, logo percebeu que o ódio andava de mãos dadas com o amor.

Sumário

Dedicatória:

Nota da Autora:

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

A SAGA DOS REINOS

DEMAIS LIVROS DA AUTORA

Dedicatória:

A cada leitor. Cada letra de cada obra escrita por mim é para você.

Nota da Autora:

Enfim, mais uma obra finalizada. Um longo caminho até a conclusão da trilogia dos irmãos. E foi algo extremamente cuidadoso, onde pude mostrar a vocês como a terra de Masha decaiu.

Sim, eu sei... Muitos aguardam a finalização da Saga. Contudo, como finalizar se alguns pontos ainda não foram explicados?

O mal sempre esteve presente, e tudo que os Deuses fizeram foi na tentativa desesperada de lutarem contra ele. Contudo, os Deuses mantenedores tem um grave defeito. São quase humanos. Cometem erros. E foi um erro que destruiu a terra outrora verdejante.

Dos três livros, esse é meu favorito. Guardei muitos segredos para ele. Espero que possam curtir-lo tanto quanto eu curti escrevê-lo.

Abril de 2018.

Prólogo

O ENCONTRO



Ela correu em uma velocidade que lhe tirou o ar. As enormes saias enroscavam-se nos arbustos, fazendo-a travar algumas vezes, machucar as mãos enquanto puxava o pano, e prosseguia em sua fuga.

— Mas, não há para onde fugir...

A voz que murmurou em sua mente não lhe pertencia, mas lhe acalmava.

Travou. Naquela noite, o céu iluminado parecia acolhê-la.

— Eu queria ser homem — ela disse, a ninguém em especial. — Ser como Finn — indicou o irmão que havia ido embora no dia anterior. — Ser homem e fugir para sempre daqui.

As lágrimas que ela orgulhosamente sempre tentara abafar agora despejavam pelo rosto redondo.

Com as mãos fofas, tentou recolhê-las.

— Para que ser homem? — A voz agora saiu de sua mente e se projetou adiante.

O olhar de Megan Keelin surpreendeu-se pela figura de cabelos vermelhos e beleza deslumbrante diante de si.

— Nós somos a essência da vida — a outra apontou. — Somos divinas, somos mães, somos a razão de tudo. Nosso leite alimenta os bebês, nosso amor constrói a casa para um homem, nossa sabedoria protege o povo.

A outra ruiva então se voltou a ela.

— O Maligno está próximo. Está rondando essa terra, de lá para cá, espalhando suas mentiras.

Megan não entendia as palavras.

— Quem é você?

— Sou a Deusa que te protege — a outra explicou, firme, numa resposta que trouxe lágrimas aos olhos de Megan.

— É a Mãe Terra?

A ruiva sorriu. Não confirmou nem desmentiu.

— Não é aos homens que deve temer. Você é como eu, é forte. Pode enfrentar todos eles. Tema a mentira que pode se espalhar. — Suspirou. — E ela vai. Mas a verdade também precisa ser guardada para que um dia possa ser passada adiante e, no momento oportuno, triunfar.

Megan percebeu que a Deusa iria embora. Tentou interceptá-la.

— Diga-me seu nome — implorou.

— Guarde a verdade. — retrucou.

— E qual é a verdade?

— Toda a criação é igual — respondeu. — E todo aquele que desdiz isso está engajado com o Maligno.

AQUELA QUE NÃO IMPORTA



O pai dizia que seu suor se devia ao fato de ser gorda e desajeitada. Megan não duvidava, pois ela costumava sentir o calor que parecia piorar a cada ano com muito mais intensidade que as demais pessoas da casa Keelin.

Ergueu os cabelos, prendendo-os num coque frouxo com grampos escuros, contrastando o tom acobreado forte, quase ruivo, das madeixas.

Adiante, Tornado relinchou. Ela observou o cavalo com o olhar nitidamente lacrimejante.

Não o via direito. De perto, enxergava bem, contudo, ao longe, havia apenas borrões, manchas, como se sua visão se apagasse a distância.

Davon, o pai, dizia que aquela deficiência era uma punição da Deusa. Afinal, além de gorda, ainda se atrevia a querer ser como os homens. Ela lia muito, cada livro da enorme biblioteca, e conhecimento demais não servia a mente feminina, que era historicamente fraca.

Gorda e de visão ruim. Um estorvo para toda a família.

Atrás dela, os irmãos pareciam rir. Provavelmente, analisavam-na com a mesma frieza do pai. Todos faziam apostas sobre sua solteirice, imaginando que ela nem para esposa prestaria.

Ignorou-os. Não porque não importasse ou doesse, mas porque o pai

sempre protegia aos irmãos mais velhos.

Diante dela, Finn aproximou-se. O único na casa que lhe dava qualquer sinal de amor agora se despedia.

— Vou buscar um lugar para nós — ele jurou. — Quando encontrar um canto nesse vasto mundo onde poderemos viver em paz, virei buscá-la. Eu prometo.

Ela abraçou o irmão. Ela acreditou nele. Finn não a abandonaria ali, à mercê dos insultos e da maldade crescente dos seus.

— Por favor, não demore — implorou, a voz embargada.

E então ele voltou-se ao alazão negro. Megan Keelin acreditou piamente na palavra do irmão. Dos três mais velhos, Finn, o único que também era filho de sua mãe, lhe amava.

Ele era sua família.

Ela acreditou nisso por muito tempo.

A fé só desapareceu quando os meses tornaram-se anos e o irmão não voltou.



Aquele lugar sempre causou repugnância a Finn. Ele sentia-se preso no palácio espaçoso e confortável. Preferiu a vida na estrada, ao invés do luxo. E Megan sequer conseguia culpá-lo por isso.

Enquanto se curvava e torcia um pano molhado, ela imaginou que a casa Keelin era abominável, apesar de bela.

— Minha senhora — a jovem e bela Aidil chamou sua atenção.

Agachada diante da moça, Megan pareceu compreendê-la com o olhar.

— A dor vai passar... — confortou-a.

O sangue escorria pelas pernas da moça. Megan conhecia algumas ervas e ajudaria a limpar os ferimentos causados em seu centro feminino. Mas, duvidava que as lacunas do estupro fossem preenchidas por qualquer alento em sua alma.

— Por quê? — Aidil indagou. — Por que eles fizeram isso comigo?

A resposta que Megan não disse, mas que travou-se em sua garganta, era de uma perversidade sem explicação: perseguir camponesas jovens e bonitas era um esporte precioso para os irmãos. Estuprá-las depois apenas coroa a adrenalina da caçada.

Mal havia terminado de ajudar Aidil, quando Tuane, outra camponesa de beleza chamativa, entrou no celeiro em que as mulheres se encontravam.

— Minha senhora — ela a chamou.

Elas sempre a chamavam assim quando pediam ajuda.

— Me esconda, por favor — Tuane implorou.

O esporte prosseguia. Mal haviam estuprado Aidil, agora caçavam Tuane. Megan pensou em ir até o pai, tentar impedir aquele abuso sem fim. Mas, sabia que o genitor também era dado às práticas. Dessa forma, tudo que fez foi manter guarda no celeiro e torcer para que os deuses as protegessem dos irmãos terríveis.



O desaparecimento de Finn, sua falta de notícias, e a desesperança levaram Megan a agir.

Ninguém suspeitou dela. Nem antes, nem depois. A gorda que mal

enxergava era insignificante demais a qualquer olhar.

Então, quando ela volveu até o celeiro naquela manhã de garoa fina e gelada, nem mesmo o cavaleiro olhou em sua direção.

Acariciou a face dos cavalos, fingindo estar ali apenas para apreciar os animais. Quando o homem saiu do ambiente, foi que ela atuou.

Estava farta...

Farta dos estupros dos irmãos, farta da aquiescência do pai, farta do abandono de Finn, farta dos julgamentos por sua aparência...

Aproximou-se da charrete que os irmãos usariam naquele dia para caçar alguma aldeã. Os dedos tocaram o ferrolho de ferro, puxando-o. O eixo estralou.

Estava feito. Quando o cavalo galopasse com mais velocidade, em algum momento, o eixo escaparia.

E então seria o fim. De tudo. De toda agonia para cada mulher daquele canto esquecido pelos deuses.

Megan Keelin era a verdadeira e única senhora daquela Casa. Ela protegeria seu povo, não importasse o preço a ser pago.



O semblante de Megan não denotava nada. Enquanto o pai gemia diante do corpo moribundo de um dos irmãos – o outro havia falecido no momento do acidente – ela os observava com apatia.

O irmão agonizava. Era pouco. Quantas mulheres agonizavam em vida depois do que ele havia feito?

— Por que, Mãe Terra? — o pai indagava à divindade.

A infinidade de motivos passou pela mente de Megan. Aquele filho da

puta não valia nada, a morte parecia quase um presente. Queria que ele sofresse mais. Contudo, acalmou-se pelo inevitável. Provavelmente agora seria esmagado pelos demônios do submundo.

— O que me restou? — o pai murmurou, assim que o irmão deu seu gemido final. — Uma filha inútil e um filho que não retorna para casa?

Finn teria que voltar. Não havia outro herdeiro para sua casa. Não que aquilo importasse a Megan.

Finn era apenas mais um miserável, provavelmente pior que os irmãos. Ao menos os mais velhos não escondiam o que eram. Mas, Finn a iludiu com esperança e depois a deixou a mercê daquela família desgraçada.



Passaram-se meses desde a morte dos irmãos e das missivas enviadas pelo pai, até o alazão do irmão surgir no horizonte.

Megan foi a primeira a vê-lo. Não havia mudado muito, mas tinha o olhar mais maduro, como se tivesse visto muito na vida, experimentado diversas emoções, e retornava com uma coragem que poderia admirá-la.

Mas, não a admirou.

Ao contrário. Quando ele desceu do cavalo e aproximou-se dela, renegou seu abraço, retrocedendo em passos.

— Megan... — seu tom denotava culpa e desespero.

— Seja bem vindo, irmão — retrucou, o tom neutro, naquela máscara que ela havia usado desde que ele se fora.

Depois disso, afastou-se, seguindo para o interior do castelo. Não viu nem prestou atenção nos dois homens que seguiam com Finn.

Era apenas uma peça no mundo masculino. E faria seu papel com a maior dignidade possível.

BRANDON



Davon Keelin parecia um homem extremamente arrogante. Sua postura completamente fria diante da volta do filho deu a Brandon a impressão de que, definitivamente, não havia muitos sentimentos entre aquela família.

— Parece que achou o caminho de volta.

O tom meticuloso do homem fez Finn volver o olhar para Brandon. Era como se dissesse: *“percebe porque não queria voltar?”*; mas, Brandon era homem do deserto e aquelas farpas não o assustavam.

Atrás do pai, surgiu a figura melancólica de uma mulher. Não era bela, nem de formas jeitosas, nem de rosto delicado. Os cabelos encaracolados pareciam deixar sua cabeça sem forma, e o vermelho das madeixas chamava a atenção mais do que qualquer coisa ali.

Pior, o olhar dela era verde. Não um verde bonito, oliva, como o de Evelyn, a cunhada. Mas, era como as esmeraldas que pareciam afogues e dar medo aos homens.

O semblante trazia mais que isso. Sem nenhum sorriso ou simpatia, ela os encarava como insetos. Percebeu a raiva e o ódio. Finn provavelmente estava errado. A irmã não esperava por ele.

— O senhor me queria aqui, e cá estou — Finn murmurou. — Ou mudou de ideia?

— Não tenho nem sequer um bastardo para deixar o feudo. Estou velho, quero ir para o litoral, viver meu resto de dias em paz. Só resta você para governar essa Casa.

Brandon percebeu um riso irônico no canto dos lábios femininos.

— Pode ir tranquilo, meu pai — Finn afirmou. — A Casa de Keelin ficará em boas mãos.

Brandon não tinha tanta certeza, mas o que o restava além de concordar com o outro?



Todos os trâmites da transferência do poder feudal foram feitos em poucos dias. Davon deixou o castelo seguido de uma pequena guarda e um número generoso de criados. Seu lugar era o litoral, onde havia adquirido uma Casa bonita para aproveitar seus últimos dias.

Não disse, mas Brandon soube que estava doente. Tossia e cuspiam um catarro amarelado que nunca saía do canto de sua boca. Provavelmente, repassar o feudo a Finn era um alívio imensurável.

Todavia, o trabalho do novo senhor estava apenas começando.

Finn deu o prazo de uma semana da partida do pai para anunciar a irmã os planos verdadeiros.

— Deixou-me aqui, sozinha, com nossa família bestial e agora me venderá a um bárbaro de Hilde? — ela indagou.

E mesmo revoltada, seu tom não mudava. Era como se tramasse o assassinato dos dois.

— Jamais, minha irmã — Finn retorquiu. — Eu sofri muito pela culpa de tê-la deixado para trás.

— E tudo por conta de uma vadia.

— Minha irmã não é uma vadia — Brandon retrucou pela primeira vez. E pela primeira vez, sentiu o peso dos olhos esmeralda sobre si. — É uma sacerdotisa importante.

— Que me ensinou a cura — Finn completou. — Meu lugar é ao lado dos pobres e enfermos. — Suspirou. — Tente entender, irmã... Sou um cavalo selvagem.

— Cavalo selvagem? Não passa de um pangaré velho e traidor!

Megan desviou o olhar dos homens. Avante, uma janela oval dava a visão de uma terra paradisíaca. A Casa de Keelin era tão bela quanto diziam.

— Espero que morra, desgraçado — ela desejou, pomposa, como se falasse sobre o tempo. — Covarde, miserável. Deixou-me aqui, nas mãos de nossos irmãos. E volta agora para me entregar nas mãos de outro homem. Que a Deusa Ruiva te puna com toda a sua fúria.

Então se ergueu. Saiu do salão e caminhou em passos frios em direção à saída do lugar.

— Como ela mudou — Finn murmurou, assim que a irmã desapareceu. — A Megan que deixei para trás era doce e frágil.

— Uma mulher que passa por tormentos nunca permanece igual — Erick apontou, era a primeira vez que se manifestava. — Para bem ou para o mal, sua irmã é bem difícil.

Ao lado deles, Brandon riu.

— Arrepende-se? — Finn indagou ao outro. Ainda não tinha certeza daquela decisão. — Tanto eu quanto Samantha não queremos obrigá-lo...

— Já dei a minha palavra.

— Mas, não a havia visto.

— E o que tem de mais isso? Não é bonita? Ora, eu já sabia. Tem um temperamento complicado? Eu já desconfiava. Mas, eu sou um homem do deserto. Domar uma potranca selvagem é minha especialidade.

Sentiu a mão fria de Finn em seu braço.

— Nunca machuque minha irmã.

O tom parecia ameaçador. Brandon ignorou.

— Um homem de Hilde jamais toca numa mulher com agressividade — garantiu. — Vou lutar pelo amor dela.

Aquelas palavras fizeram Finn arquear as sobrancelhas.

— E para quê? Pensa em amá-la também?

— Não quero que a mãe dos meus filhos tenha raiva de mim — apontou.

Finn pareceu pestanejar. Quando optou pelo caminho da fé, não pensou devidamente que Megan também pagaria um preço.

De qualquer maneira, já estava feito. Já havia dado sua palavra aos Águias. Brandon agora seria o novo senhor de Keelin, e Megan, sua esposa.



— Oh, minha senhora... — As lágrimas de Tuane fizeram Megan sorrir.

— Por que chora? — indagou à serva, enquanto arrumava-se em seu vestido de noiva.

— Porque os homens são maus, *milady* — Aidil respondeu pela outra, que parecia afogada em seu pranto. — Os homens machucam.

— Não a mim — retrucou Megan. — Nunca a mim — reafirmou. — Não é aos homens que eu temo.

— E o que teme, minha senhora?

— A mentira — foi franca. — Ao mal porque ele é enganador.

As servas se encararam. Muitas mulheres vinham até ela para lhe servir. A maioria queria fugir dos irmãos abusadores. Quando Megan livrou-se deles, quase todas voltaram para suas casas. Aidil e Tuane permaneceram ao seu lado, gratas demais para dar-lhe adeus.

Agora, eram testemunhas passivas de sua própria desgraça. O irmão que um dia jurou salvá-la entregava-a a um homem do deserto, um Águia.

Megan tentou se lembrar-se do que falavam daquele povo. Comiam bebês? Invadiam aldeias? Matavam os homens enquanto estupravam as mulheres?

Bem da verdade, ao observá-lo quando chegou ao Castelo, Megan não sentiu nenhuma agressividade.

Claro, era grande e assustador. Mas, os irmãos mesmo sem altura ou aparência perigosa eram terríveis. Assim, não era tão fútil para se deixar levar pela exterior.

No mais, iria domesticá-lo como um gato selvagem. Faria dele seu sapato por vingança a tudo que estava tendo que se sujeitar.

As sinetas do sacerdote fizeram-na erguer-se da cadeira onde aguardava pela cerimônia. As servas a seguiram, ajudando-a a não deixar a barra do vestido se arrastar no chão, e sujar.

Megan postou-se à entrada do templo. O lugar ficava ao lado do castelo, e ao longe era possível ver um enorme carvalho que servia de ídolo para adoração a Mãe Terra.

Mas, ela não era da Mãe Terra. Megan pertencia à Ruiva.

Andou pela nave do templo. O irmão postou-se ao seu lado e a conduziu até o Águia.

Como era mesmo o nome do infeliz?

— Hoje uniremos pela Mãe, Brandon Balden e Megan Keelin.

Brandon Balden.

Sorriu.

O sacerdote começou seu ritual. Aquelas preces que não tinham significado para Megan pareciam entrar em seus ouvidos e perderem-se dentro dela.

Com o canto dos olhos, observou Brandon.

Era como se ele nem estivesse ali, igualmente, tamanho o desinteresse. Era claro que esperava ter dela apenas um feudo e uma barriga para acolher seus filhos. Percebia a forma como ele observava as mulheres e já o imaginava cheio de amantes.

Mas, teria uma surpresa...

Era não fora coagida a casar-se? Então ela o faria se arrepender amargamente por aquilo.

A prece findou. Rapidamente, puxou uma pequena adaga que estava escondida abaixo das mangas do vestido. Segurando a mão do noivo, fincando a faca ali, rasgando a carne.

Percebeu o olhar arregalado dele e o suspiro surpreso dos demais.

O sangue respingou até o chão.

Então, levou a faca até sua própria mão e a cortou com o mesmo afinco. Todos estavam embasbacados e faziam silêncio.

Megan puxou a mão do noivo. Uniu seu sangue ao dele.

— Sangue do meu sangue — ela declarou. — Agora você é meu.

Imaginou que ele se acovardaria, mas ficou surpresa pelo olhar desafiante que recebeu em troca.

— Digo o mesmo — Brandon murmurou.

Pela primeira vez Megan imaginou se aquele não era um inimigo perigoso demais para suas armas.



Ela não ficou para a pequena festividade que fora realizada para seu casamento. Estava ocupada demais tentando preparar um extrato de lúpulo.

Aidil havia ido ao campo atrás da planta. Tuane havia infiltrado a erva pela cozinha onde fabricavam cerveja. Logo, com os ingredientes certos, e com os conselhos bem dados de uma anciã cuja neta ela salvara do próprio pai, Megan estava de posse de uma cerveja esmaltada que faria qualquer homem desmaiar de sono tão logo a tomasse.

— Boa sorte, minha senhora — Aidil desejou, assim que a viu entrando no quarto.

Megan sorriu.

— Eu terei — garantiu.



Para uma mulher carregada de rancor, Brandon ficou surpreendido quando, ao final da festa, foi-lhe comunicado que a noiva o estava aguardando no quarto para a noite de núpcias.

Havia bebido e dançado muito com algumas beldades e estava empolgado. Mesmo não vendo em Megan nenhum traço de paixão, ainda assim era mulher, e ele não era homem de rejeitar uma dama.

Já era noite quando abriu a porta do quarto e a encontrou. Vestia uma camisola branca, grande, de linho pesado, que lhe escondia todas as formas.

Os cabelos longos, encaracolados e vermelhos caíam em cascata até a cintura, e aquilo, de alguma maneira, o deixou bastante excitado.

Sorriu para ela. Recebeu outro sorriso de volta.

Ficou surpreso, pois não esperava aquele gesto de simpatia.

— Acho que começamos errado — Megan admitiu, e foi tão doce que ele concordou imediatamente. — Transferi a ti a raiva que senti de meu irmão. Mas,

imagino que será um bom homem para mim.

Tão doce...

— Digo, eu espero sinceramente que seja um bom homem para mim. Espero não irritá-lo, ser sempre submissa e acolhedora, e que possa lhe dar muitos filhos saudáveis.

Aquilo era bom demais para ser verdade.

Naquele momento ele sequer pensou nas belezas da festa. Tudo que via era a noiva, com seus encantos tão escondidos, agora desnuda em alma para ele.

— Um Águia sempre cuida bem de sua mulher — disse a ela. — Vou te fazer feliz — jurou.

Ela sorriu. Depois, aproximou-se de uma garrafa e serviu-lhe uma taça de bebida.

— Então, podemos nos apresentar novamente? — ela brincou. — Sou Megan.

Ele riu, bebendo um gole. Era doce. Gostou muito. Bebeu outro gole.

— Brandon.

Houve uma pausa que Brandon não soube precisar o tempo.

— É o irmão mais novo de sua família? Também sou a caçula de minha casa — apontou.

— Sim, eu...

Estranhamente, sentiu-se zozinho. Bebeu mais um gole, pigarreando.

— Eu tenho um irmão... Eri... — A mão da esposa o segurou. Sentiu-se cálido. — Erick, é o novo senhor de Nunemesse. Ele estava na cerimônia.

— Sim? Conte-me mais.

Ela o puxava até o leito. Deixou-se guiar.

— E há Samantha. — Sentou-se na cama. — Ela é sacerdotisa da Mãe.

— É mesmo?

— Samantha e Finn... Eles se apaixonaram...

Sua voz, de alguma maneira, perdeu-se na escuridão.



A batida de leve na porta fez Megan ir naquela direção. Aidil entrou, trazendo para ela uma xícara de chá de camomila.

— Ele dormiu, senhora?

A pergunta era sem propósito. Brandon roncava no leito. Tuane surgiu depois, curiosa.

— Sim. Retirem a roupa do homem — ordenou.

Sentou-se em uma cadeira enquanto as mulheres desnudavam o jovem Águia até a última peça.

— O que ele disse, antes de dormir?

A pergunta de Aidil fez Megan gargalhar.

— Que iria me fazer feliz.

— Isso não é bom?

— Não preciso de um homem para ser feliz — retrucou. — Pobre da mulher que vincula a própria felicidade a inconstância masculina.

O DIA CLARO



Aquele leve amargor na boca fê-lo abrir os olhos pesadamente.

O dia já estava claro. Ele percebeu o sol quente invadindo o quarto pelas janelas de cortinas desnudas.

Nenhum homem de Hilde acordava tarde. Aliás, tal fato considerava-se uma desonra. A honra de um homem era mesclada ao seu trabalho. E, trabalhar ao amanhecer do dia denotava caráter.

Todavia, era a manhã de suas núpcias. Brandon percebeu-se nu e ficou surpreso.

Diabos! Não se lembrava de caralho nenhum do que havia acontecido na noite anterior. Olhou para o lado. A cama estava vazia, mas havia uma pequena mancha vermelha de sangue nos lençóis.

Havia desvirginado a noiva e sequer se lembrava? Que tipo de filho da puta ele era? Por que bebera tanto na festa?

Olhou ao redor. O quarto do Senhor do Castelo era enorme, bastante confortável e quase ao nível do quarto principal de Nunemesse.

Pensou que poderia ser feliz ali. Megan havia dado sinal de que desejava

a mesma coisa. Provavelmente, até sentiriam afeto um pelo outro. Claro, ela não era bonita como as outras mulheres, nem tão apessoada de corpo, mas ele gostava de um pouco de carne saliente.

Subitamente, ficou nervoso. Como havia sido a primeira noite? Será que a machucou? Fora gentil?

Mesmo com prostitutas, ele nunca fora agressivo na cama. Aliás, demonstração de carinho no sexo era uma marca dos Águias. Eles gostavam de serem gentis com as damas.

Mas, com a própria esposa ele não tinha certeza dos gestos. Erguendo-se da cama, preparou-se para procurá-la.



— Poderia me passar o queijo, por favor — o homem grande pediu a ela, com um sorriso animador nos lábios.

Erick Balden era enorme e de olhar ameaçador, mas quando abria a boca, sua voz era tão doce e gentil que Megan quase riu do contraste.

Não obstante, segurar o riso estava sendo algo extremamente difícil.

Numa ponta, Finn a observava com o canto dos olhos. Os dois homens à mesa, provavelmente, imaginaram como havia sido sua noite. Nem sequer suspeitavam que Brandon Balden havia roncado madrugada adentro sem sequer tocar nela.

Atrás dela, Tuane parecia nervosa. Fora a serva que lhe levaria um potinho com sangue de galinha, ao qual ela derramou no lençol, para dar ares de sexo.

— Mais chá, Tuane — pediu a serva, apenas para vê-la se aproximar. Sorriu otimista para ela, tranquilizando-a.

Tuane não imaginava, mas se os dois homens diante dela suspeitassem de algo, ambos cairiam mortos antes de irem embora. Megan já havia matado os irmãos, não lhe custaria trucidar aqueles desgraçados que a venderam como gado.

Repentinamente, o marido surgiu. Ele pareceu ansioso e preocupado com o lugar onde se sentaria. Por fim, sentou-se na ponta principal, lugar do senhor das terras.

— Irei embora hoje, meu irmão — Erick avisou. — Não gosto de deixar Evelyn sozinha.

— Traga-a quando puder para nos visitar — Brandon pediu. — E Samantha também — encarou Finn. — Quero que a família toda se conheça.

Megan arqueou as sobrancelhas.

Família...?

Então, Finn e Erick levantaram-se. Pareciam dispostos a irem preparar-se para a viagem, e também desejosos de dar-lhes espaço para a recente intimidade de casal.

Quando eles sumiram da mesa, Brandon por fim a encarou.

Ele não perguntou, mas ela sabia o que queria.

— Obrigada por ter sido gentil, meu esposo — Megan afirmou, fingindo vergonha, baixando a face.

Céus, como era difícil segurar o riso quando via o olhar nitidamente aliviado daquele idiota.

— Eu bebi muito — ele contou, e Megan ficou surpresa pela franqueza. — Não sabia se a havia agradado.

— Claro que agradou.

Brandon tinha experiência. Dormia com muitas mulheres. Nunca fora de escolher. Tinha uma vagina e estava disposta, ele ia para a cama. Gostava de sexo. Então, tentou se acalmar. Esperava ter dado prazer a esposa. Confiou em suas palavras, naquele instante, até porque Megan não teria porque mentir. Se ela disse que havia gostado, é porque gostou.

— As próximas vezes serão melhores — prometeu. — A primeira vez é

mais desconfortável, mas nas próximas...

Ela quase engasgou.

— Tenho certeza que sim, senhor meu marido.



Aidil mordeu um pedaço de maçã enquanto Megan caminhava de um lado para o outro.

— Na primeira noite, tudo certo — a senhora apontou. — Mas, haverá muitas noites, e aquelas nas quais não terei regras deverão ser bem pensadas. Não posso querer que ele beba todos os dias.

— É um bárbaro, talvez goste — Tuane murmurou.

— Nem a mais otimista das mulheres pensa assim — Megan retrucou. — Além disso, acredita que o maldito até agora tentou ser gentil? Acha que irá me enganar com palavras doces. Todos os homens são iguais!

Aidil concordou. Os de Keelin, pelo menos, eram.

— O que fará quando ele começar a bater na senhora?

— Veneno na comida, é claro. Já separaram as sementes de mamona? — indagou. — Sei como fermentá-las. Usaria em meu pai.

Subitamente, deu-se conta de como era fácil matar. Especialmente quando tudo que havia em si eram anos e anos de humilhações e abusos emocionais.

— Coloque o extrato no vinho dessa noite — indicou a Aidil. — Vamos fazê-lo beber e dormir novamente. Não o machucarei enquanto ele não me machucar.

As duas leais servas concordaram imediatamente.



Megan abriu a porta. Aidil e Tuane entraram rapidamente, e começaram a despir o marido que dormia um sono alto.

Após deixá-lo nu, as mulheres aproximaram-se de Megan.

— Não sei se devemos cobri-lo, senhora — uma delas apontou. — Está calor.

— A cada dia pior... — Megan murmurou. — Deixe-o sem cobertas. Caso esfrie, eu mesma o cubro.

As mulheres saíram do quarto. Megan sentou-se aos pés da cama, e analisou o homem que dormia.

Era bonito. Ela não costumava admirar os homens, mas sabia reconhecer que Brandon tinha uma aparência selvagem que fazia até mesmo as servas encará-lo mais tempo que o adequado.

E também era gentil. Desde o casamento, sempre a tratando com respeito.

Fechou os olhos.

E se a bárbara ali fosse ela? Dopar um homem? Planejar assassinatos? No que Megan havia se tornado?

Abriu novamente os olhos e deparou-se com o mastro firme do marido descansando sobre uma das coxas.

Sentiu os olhos úmidos.

O que mais poderia fazer? Desde criança fora desprezada. Finn, o único a lhe estender a mão também a traía. Cresceu sobre o jugo da violência. Em casa,

era desrespeitada com apelidos e ignorância. No vilarejo, via as mulheres apanhando dos maridos ou sendo estupradas pelos irmãos.

Pela experiência, sabia que era questão de tempo para aquela máscara de homem generoso cair.

E quando isso acontecesse, Megan não sentiria nada, porque não estava iludida.

O MAL



— Masha! — O grito fervoroso chamou a atenção dos homens que ali estavam. — O nome dela é Masha!

O povo de Keelin não precisou de muitos dias para uma novidade.

Primeiro, o antigo senhor deixara o feudo para o filho homem restante. Depois, esse mesmo filho o entregara ao cunhado, junto com a irmã, Megan. Agora, um sacerdote de vestes escarlates chegava ao local seguido por um grupo de homens ruivos que se vestiam da mesma forma.

— Só existe uma Deusa, que é a Mãe — Um dos aldeões apontou.

— Vocês a chamam de Mãe, mas ela tem nome. Masha... A Deusa Ruiva.



— A Deusa Ruiva? — Megan indagou, a boca abrindo-se com surpresa.

Aidil concordou.

— Será mais um louco? — a serva indagou. — Mas, ele fala com tanta certeza...

— Preciso ver esse homem — Megan avisou. — Mande-o chamar.

Houve uma breve concordância. Logo a serva se afastou.

Megan estava sozinha no salão do castelo. O marido havia ido ver as plantações, e ela terminara de ajudar na fabricação da cerveja escura daquela noite.

Para seu desgosto, Brandon não bebia muito. Bebeu as bebidas destiladas nos primeiros dias do casamento, mas depois passou a pedir água. Sabia que ele não desconfiava de nada, pois o mesmo havia lhe dito que embriagar-se não era da índole dos Águias.

Desde então ela o estava drogando através da comida. O homem adorava folhas verdes, saladas, e bastava misturar a seiva das plantas certas ao suco do limão que temperava alimento.

Em pouco tempo ele pedia licença e ia se deitar. Em alguns dias, Megan simulava que houvera sexo. Em outros, simplesmente deixava as coisas como estavam.

Em nenhum momento Brandon fez menção de reclamar, apesar de parecer preocupado.

“Vou procurar um sacerdote”, confidenciara-lhe. *“Tenho muita dificuldade de me recordar das noites...”*.

“Esquece-se de mim?” Megan fingiu mágoa.

“Jamais, esposa, jamais”.

A mentira saía custosa dos lábios masculinos. Ela sabia que ele não queria machucá-la ou deixá-la pensando que a considerava indesejada. Megan precisava segurar o riso em situações como aquela.

Seus pensamentos foram interrompidos pelo som de passos. Logo, diante dela um homem ruivo a encarava com nítido respeito.

— Minha senhora — ele curvou-se. — Uma ruiva.

— Não sou ruiva — Megan negou. — Meu cabelo não é vermelho.

— Seu tom é acobreado, provavelmente pelas muitas misturas em sua família, mas se vê que tem sangue ruivo. E o olhar verde-esmeralda como da grande Masha.

Megan fez sinal para Aidil deixá-la a sós com o homem. Indicou uma cadeira, pedindo que ele sentasse.

— Foi por causa dessa Deusa que mandei chamá-lo.

— Muitos senhores de terras me expulsam quando falo sobre Ela — antecipou-se. — Mas, eu preciso cumprir a vontade de Masha.

— Masha... — murmurou o nome. Parecia um alento ao seu coração. — Eu já há vi.

O rosto do sacerdote mudou bruscamente. Seu interesse era palpável.

— É verdade?

— Há alguns anos, quando meu irmão Finn partiu. Vaguei a noite, sozinha, chorando pelo abandono. E Ela veio a mim. — Sorriu. — Por isso sei que diz a verdade sobre a Ruiva.

Houve cumplicidade entre os dois.

— Que honra, minha senhora — o homem disse, emocionado. — A mim nunca foi dada tal benção.

— Nunca a viu? Como sabe sobre ela?

— Livros esquecidos, abandonados. Ninguém sabe realmente quem os encontrou, mas começou-se a espalhar a história de um Deus Criador que fez três deuses mantenedores. Três terras distintas, onde cada povo seria guiado com amor pelo seu Deus. Mas, algo saiu errado... Os Deuses foram esquecidos.

— Sim. Aqui todos idolatram a Mãe Terra.

— Além do mar há outras terras, e não sei a quem idolatram lá, nem me importa. Quero apenas que essa terra abençoada volte a servir a Masha.

Megan concordou.

— Qual seu nome?

— Sou Raoni, senhora.

— E como soube de Masha? Como decidiu seguir sua vontade?

— Não percebe o calor? Moro em um lugar próximo de Hilde. Soube, por velhos daquele vilarejo, que o deserto de Hilde já foi campo florido há séculos. E agora toda a terra de Masha parece estar seguindo para o mesmo destino. Já tem algum tempo que o inverno não é muito frio e os verões são terríveis.

— E acredita que isso seja o quê?

— É Masha, irritada. Nos livros que lemos, ela tem um temperamento difícil. Provavelmente, ao ver o erro, o clero corrupto, e todas as maldades praticadas em sua terra sagrada, perdeu o controle das estações.

Megan acreditava em tudo aquilo. Até porque era verdade. Os sacerdotes vendiam benções dos deuses por preços pagos com sexo ou ouro. O povo sacrificava animais, bebiam em orgias. Os nobres eram tão corruptos que ela foi obrigada a matar os próprios irmãos.

Não restava nada naquela terra que pudesse ser salvo.

— Você é um profeta? — indagou, emocionada.

— Sou apenas um homem que busca cumprir a vontade de Masha.

— Então somos dois — afirmou. — Conte comigo, Raoni. Traremos a paz novamente à essa terra sagrada.



— Você não lembra?

A velha anciã do vilarejo que também costumava ser curandeira encarou o novo senhor com ares de preocupação.

— Qual sua idade? — ela indagou.

Brandon havia conhecido aquela senhora há alguns dias, quando estivera por lá para verificar a situação das casas dos camponeses mais afastados.

Descobriu que a mulher já fora sacerdotisa na juventude e agora apenas atendia a quem a procurava. Brandon preferia estar conversando com a irmã, Samantha, mas longe da família, aquela velha senhora era tudo que lhe restava.

— Não sou velho, é claro — murmurou. — Tenho pouco mais de vinte e cinco primaveras. E de tudo me lembro, desde o que faço durante o dia em labor, até do passado, da infância em Hilde. Apenas, à noite... Quando estou com minha mulher... Minha mente se apaga. Já ouviu falar de algo assim?

A mulher negou.

— Talvez não queira se lembrar.

— Claro que quero me lembrar! Apesar do que falam de Megan, que ela é irascível e um tanto bruta na lida com os homens, comigo sempre se mostrou doce e generosa. Se me deito com ela, quero me lembrar do que compartilho. Envergonha-me encará-la no dia seguinte e não recordar-me de nenhum toque, nenhum beijo...

— E com as outras mulheres?

Brandon ficou pasmo. Não dera-se conta, até então, de que não procurara outra. Talvez houvesse sido o súbito instinto de fidelidade por conta do

matrimônio. Havia jurado diante do símbolo da Mãe que cuidaria e protegeria Megan.

— Eu gosto dela — admitiu, a voz um tanto cortada, acanhada. — Ela é boa — murmurou. — Uma mulher decente, honrada. Lembra-me de minha irmã, tem o mesmo olhar virtuoso.

A velha pareceu compreender.

— Bom, tente tomar chá de alecrim todos os dias, para fortalecer a memória. E, pense na possibilidade de procurá-la de dia, se a noite é que ocorre o problema.

De dia?

Uma esposa devia ser usufruída de dia? Sempre pensara que uma mulher com tal título devia receber o respeito do breu noturno.

Enquanto galopava até o castelo, ele pensou seriamente na possibilidade de chamar Megan para o quarto tão logo chegasse.

A pele dela devia ser macia, pois a esposa era muito bem cuidada. Ah, como queria se lembrar do formato dos seios. Que eram grandes, ele sabia, mas... Como deviam ser os mamilos? O baixo ventre?

Excitou-se.

Sim, a tomaria tão logo chegasse em casa.

Em casa...

Ao longe, o Castelo de Keelin surgiu diante dele. Sorriu para a visão magnífica. Nem em seus melhores sonhos pensaria em um dia comandar um feudo e ter ao seu lado uma esposa que lhe agradasse.

Aproximou-se da entrada e a visão de um laçao o interceptou. Deixou o cavalo com o homem e correu até o interior do castelo.

Queria Megan... Queria tanto que a ergueria nos braços e a levaria para a cama naquele instante.

Todavia, seus planos foram destruídos pela visão de outro homem. Um religioso, pelas roupas.

— Marido — Megan sorriu em sua direção. — Esse é Raoni. Um sacerdote da Deusa que sirvo.



Brandon tentou parecer aquiescente e gentil diante do par que falava sem parar sobre uma Deusa de cabelos vermelhos que comandava aquela terra.

Sua ereção perdeu-se diante do tom animado da esposa sobre fé e lealdade.

Suspirou, achegando-se na cadeira.

Como assim uma Deusa diferente da Deusa que todos amavam?

— A Mãe Terra nos dá água, comida...

— É Masha que dá — Raoni o cortou. — Mas, o povo se esqueceu disso.

— Sacerdote Raoni disse que Hilde já foi campo florido — Megan contou, animada.

Brandon soltou uma sonora gargalhada.

— Cresci em Hilde. Nunca houve plantas naquele deserto além das que não precisam de muita água.

O sacerdote negou.

— O que aconteceu com Hilde acontecerá com toda a terra de Masha — contou. — Se a ira da Deusa não for aplacada, restará a nós apenas o calor, a seca, fome e miséria.

Por algum motivo misterioso, Brandon sentiu aversão por aquele homem. Talvez fosse seu tom de voz, ou a maneira como ele o encarava, como se fosse um intruso ali. De qualquer forma, começou a se irritar.

— Eu garanti ao sacerdote que ele poderia educar o povo na vontade de Masha — Megan cortou seus pensamentos. — Espero que meu marido aceite minha ordem como um presente de casamento.

Davam-se presentes de casamento a noiva? Brandon enrubesceu.

Então, assentiu. Ergueu-se, e saiu.

— Tem vosso esposo na palma da mão — Raoni murmurou para Megan.

— Isso é mal?

— De jeito nenhum. Ele tem cabelo preto. É seu o lugar de ordem. Você é mashiana. Que ele baixe a cabeça para cada ordem sua.

Megan sentiu que a frase acariciou seu ego. Pela primeira vez em muitos anos ela simpatizou com um homem.

TEMPESTADE



Ao longe era possível ver os relâmpagos cortando o céu. A chuva parecia vir como resposta divina de alívio para o dia infernal que fizera.

Raoni e seus servos foram alojados em uma casa próxima do castelo. Durante o dia haviam cuidado dos enfermos e pregado sobre Masha.

Nenhuma palavra, até então, sobre a separação de raças.

Por conta disso, um dos servos de Raoni o procurou naquela noite.

— E acha que devemos nos precipitar como ocorreu naquele vilarejo meses atrás? — Raoni indagou. — Não quero matar esse povo. Há muitos ruivos por aqui.

— A própria senhora do Castelo é ruiva — o homem indicou.

— Exato. Lady Megan é uma personificação da Deusa.

— Mas, o Lorde não é.

— No momento certo, o Lorde será expulso, assim como todos os malditos de cabelo preto.

— Mas, e se demorar demais?

— Quando Megan souber o poder da Deusa em si, ela mesma expulsará o marido. Apenas, precisa de um incentivo. — Chamou três de seus homens que observavam o diálogo. — Vão aos limites do feudo. Lá esperem. No momento

apropriado, tomem alguma garota jovem e virgem. Não ruiva — destacou. — Peguem alguma usurpadora, que não tem méritos de cá viver. Quando Megan souber disso, ela despertará para a sua verdadeira face.



— Você gosta de animais — Raoni apontou, quando Megan curvou-se para acariciar a cabeça de um cachorro.

Eles caminhavam naquela manhã nublada. A promessa de tempestade permanecia, e quanto mais o tempo ficava abafado, mais certeza tinham de que a tormenta era questão de tempo.

— Eu amo os animais — Megan afirmou.

— Dizem que de todos os Deuses, Masha é a que mais ama as pequenas criaturas.

Megan sorriu diante do comentário.

— Ser bom para os animais. E bom para as pessoas. É o que mais Masha pede de nós.

Megan pareceu envergonhada.

— Não sou exatamente boa com as pessoas — admitiu.

— Todos têm defeitos, minha senhora — o sacerdote apontou. — Mas, o que mais importa é o arrependimento e o mudar de atitude. Se fez mal, não mais o faça.

Era um bom conselho.

— E pense também em seu casamento.

O olhar da mulher tornou-se curioso.

— Como assim?

— Apenas pense — Raoni indicou. — Aquele homem é a pessoa certa para a senhora?



Um sacerdote não devia dizer tal coisa, devia? Megan havia se casado com Brandon. Era sua esposa, e nem passava pela cabeça da mulher anular a cerimônia. Especialmente porque ele era muito fácil de manipular.

Ergueu as mãos em concha e levou a água até o rosto. Estava na tina, em seu banho diário. Lá fora, enfim, a chuva caía com intensidade. Havia uma tempestade em seu íntimo, também.

E se pudesse deixá-lo? Era o que ela queria?

Estranhamente, a palavra “*não*” cruzou seus pensamentos. O fato de Brandon evitar feri-la com expressões ou atos quando todos os demais homens que havia conhecido haviam feito tal coisa a tocara profundamente.

E ele estava se saindo tão bem como senhor feudal. Sem estupro as aldeãs, sem surras em pessoas pobres que não podiam trabalhar, sem passadas de mão nas servas que a serviam.

— Você sabia que é linda?

A indagação a assustou. Afundou-se mais na tina, esperando que a espuma cobrisse sua nudez. Ao longe, a mancha indicava o marido. Contudo, só conseguiu visualizá-lo bem quando Brandon se aproximou e sentou-se ao seu lado.

— Desculpe — ele murmurou. — Eu não queria atrapalhar seu banho.

— Está tudo bem.

— Queria lhe falar em particular, mas aquele sacerdote nunca a deixa a sós.

— Servimos a mesma Deusa, temos muito a conversar — ela justificou.
— Mas, tentarei ser mais presente em sua vida.

Percebeu o olhar másculo passear pelos seus ombros. Sentiu-se completamente frágil diante da força daquela presença.

— Eu quero que ele vá embora, Megan.

A frase lhe assustou, lhe corroeu e, por fim, lhe revoltou. Mal percebeu quando se ergueu da tina, nua, raivosa, sentindo todo o sangue esquentar.

— Você me autorizou a doutrinação! — ela gritou, e seu berro preencheu o ambiente.

Mas, Brandon mal o percebeu. Tudo que ele via era aquela mulher nua, deliciosa, molhada e pronta para ser amada.

— Não deixarei que você o expulse! Por Masha! Ninguém irá intervir na vontade da Deusa!

E começou a destilar uma série de reprimendas que Brandon sequer prestou atenção.

Céus, era maravilhosa. Escondida entre os muitos panos, ele sequer suspeitava que a pele era como cetim claro, que os cachos do baixo ventre eram avermelhados, que os mamilos fariam qualquer homem perder a cabeça.

Como podia esquecer-se das noites em que a tinha?

Ficou excitado no mesmo instante que recebeu uma mãozada de água na face. Então a razão voltou e ele percebeu que a esposa corria até o outro lado da sala de banho e começava a atirar nele qualquer coisa que encontrasse.

E voou em sua direção desde bancos até toalhas.

Foi mais que uma surpresa. Era a descoberta de uma nova faceta. Uma Megan descontrolada que até então nunca havia visto.

— Você está louca, mulher? — gritou.

Onde estava a mulher gentil que sempre lhe recebia com um sorriso?

— Eu te odeio, bárbaro maldito!

Percebeu o choro e se apiedou. Tentou se aproximar, mas veio os chutes, os socos, os pontapés e, por fim, ela saiu correndo da sala de banho.

NUA!

Correu atrás, segurando uma toalha. Por sorte, nenhum criado cruzou por eles, e conseguiu alcançá-la antes que saísse do castelo.

Enquanto ela se remexia, ele a cobriu.

— Megan — tentou chamá-la a razão.

E então, assim como a explosão viera sem aviso, a calmaria também chegou.

— Você é igual a todos os homens — ela murmurou. — Você também me magoa e decepciona.

Não era essa a vontade de Brandon. Na verdade, por algum motivo que ele mesmo desconhecia, tudo que desejava era dar a Megan o sorriso satisfeito de uma mulher bem amada.

Acariciou-a, e sentiu-a fraquejar contra seu corpo. Ficou imediatamente aceso.

— Não! — ela afastou-se e ele a soltou.

Houve uma troca de olhares naquele instante. Nenhum deles havia desejado aquele casamento. Todavia, para ambos, estava claro que agora o enlace era inquebrável.

Antes de conseguir dizer mais alguma coisa, Megan se afastou correndo.

Lá fora, a tempestade continuava. A chuva que lavava a terra também limpava a mente nublada de Brandon Balden.

Caminhou em direção ao salão. A mesa já estava servida, e ele aproximou-se do vinho.

Repentinamente, travou.

O vinho... A cerveja... A comida.

De súbito, a verdade por trás das falhas de memória.

O cálice caiu de suas mãos, enquanto uma fúria incontrolável somava-se a sua excitação cada vez mais frequente.

Nenhuma mulher ousara tratar um Águia como idiota. Megan saberia o preço que pagaria por seu ato inconsequente ainda naquela noite.



O espelho refletia a imagem de uma mulher em fúria. Os olhos avermelhados pelas lágrimas de raiva, o corpo numa respiração rápida, e a pele enrubescida pela necessidade de ferir alguém.

Há algum tempo Megan sabia que perdia o controle com facilidade. Todavia, quando rompantes lhe trouxeram benefícios? Fora com esperteza e racionalidade que ela resolvera todos os seus problemas, até então.

Respirou fundo, engolindo o choro.

Brandon Balden estava sendo facilmente manipulado há algum tempo. Não podia colocar tudo a perder deixando-o perceber que a esposa não era a criatura alegre e doce que ele acreditava.

A porta abriu. Volveu-se para o esposo com o semblante resplandecendo uma culpa que nem de longe ela sentia.

— Perdoe-me...

— Desde quando você me intoxica? — ele indagou, atirando nela uma verdade que a deixou em pânico.

— O quê?

— Não me lembro de nada durante as noites. Achei que fosse algum problema pessoal, mas então percebi que você sempre dá um jeito de me fazer beber o que você deseja, ou comer algo que preparou. E depois disso, me traz ao quarto. Todas as manhãs eu acordo nu. E em todas, não sei o que aconteceu na noite anterior. Diga-me, esposa, ao menos tivemos relações ou você ainda é virgem?

Pela primeira vez, Megan temeu um homem. O Águia era grande, forte e musculoso. E agora não tinha mais aquele olhar gentil que sempre a

tranquilizava.

— Não faço ideia do que está falando — ela devolveu, numa tentativa inútil de defesa.

Repentinamente, ele a agarrou. O susto só não foi maior que a forma como ele a atirou na cama.

Megan desesperou-se e tentou fugir, mas o homem grande já estava em cima de si, tateando-a, lhe erguendo as saias, beijando sua pele com raiva, marcando-a com seu furor.

— Pare! — ela gritou, em desespero.

Sentiu a carne dura contra si, mesmo que ela estivesse guardada nas calças masculinas. Lágrimas brotaram-lhe nos olhos, enquanto os dedos másculos acariciavam seu centro feminino.

— Pare! — repetiu. — Me solte! Não quero!

Repentinamente, foi deixada. Diante dela, Brandon estava vermelho e raivoso. Imaginou se ele lhe bateria.

— Eram essas as palavras... — ele disse, e ela arqueou as sobrancelhas.

— O quê?

— “*Não quero*” — explicitou. — Era apenas dizer isso. Eu a teria respeitado. Eu jamais a tomaria à força. Um homem de Hilde nunca toca numa mulher se esse não é o desejo dela. Mas, preferiu me dopar, mentir para mim, me fazer de seu capacho, de seu idiota! — gritou. — Qualquer outro em meu lugar lhe daria uma surra e depois lhe obrigaria a se entregar. Mas, saiba, querida esposa, que não me interessa.

Por algum motivo inexplicável, aquelas palavras doeram fundo em sua alma feminina.

— Nunca mais ouse me enganar, Megan. Não me casei contigo pelo feudo ou por sua eloquente beleza — desprezou. — Casei-me para dar uma chance à minha irmã de ser feliz. E, desde então, estou fazendo o possível para ser um bom marido. Mas, posso desaprender rapidamente a arte da gentileza.

Voltou à cama, segurando o rosto da mulher entre as mãos.

— Nunca te quis — despejou. — Mas, não te renegarei em respeito ao seu irmão. Contudo, não terá perdão numa próxima vez.

E saiu, deixando-a em desespero atirada na cama.

V E N E N O

A chuva parecia lavar sua alma agoniada. Enquanto galopava ele sentia o alívio das gotas geladas contra a pele aquecida pelo ódio.

Por quê?

Nunca até então fora afrontado dessa forma. Não apenas renegado como homem, mas usado como cobaia com saber-se-á qual erva danosa.

E tudo por quê? Ela não o queria? Mas, ele também não...

Não a queria...

Não...

Pensou no corpo nu, molhado, na forma como sentiu todos os seus instintos masculinos despertando diante dele.

E, pior, era diferente da sensação que experimentara com as outras mulheres. Porque Megan era dele. Sangue dele... Não fora ela mesmo que os unira na cerimônia?

Gostava da forma como ela sorria. Da maneira como o olhar verde-esmeralda sempre parecia esconder algo. Um mistério que ele estava interessado em desvendar.

E aqueles dias não foram maus.

Conversar, jantar ao seu lado, falar sobre Keelin e sobre como governar aquele povo...

Era mais que uma traição de esposa. Ele até conseguia entender seu medo pela voracidade masculina. Mas, Megan o enganou como amiga. Ela o fez crer que passaram a nutrir algo... Uma fraternidade...

Parou o cavalo diante de uma taberna.

Aquilo tudo devia ser esquecido. Enganou-se com a esposa. Ela não era diferente dos nobres que conheceu na vida. Uma pessoa sem escrúpulos capaz de

tudo.

Entrou no lugar. A água da chuva escorria pelo seu semblante fechado. O taberneiro sorriu quando o percebeu.

— Nosso Lorde! — o saudou, mas Brandon não retribuiu a animação.

Seus olhos escuros passearam pela taberna, até darem-se diante de uma bonita morena de cabelos encaracolados.

— Venha cá — ele a chamou.

Ela sorriu.

Uma mulher que queria um homem. Uma mulher de verdade. Não como aquele monte de gelo que ele chamada de esposa.

Brandon Balden queria esquecer que Megan existia.

Não conseguiu...



A coxa desnuda sobre ele fê-lo chegar-se ao corpo macio da mulher.

— Megan... — ele murmurou, afundando o rosto em seu pescoço.

Podia sentir seu cheiro. Não lavanda, como Samantha. Ela era mais como canela e cravo.

Céus, e aquela palidez que contrastava contra sua própria pele bronzeada pelo forte sol de Hilde? Como resistir a tamanho encanto?

Ficou duro. Gemeu, enroscando-se no corpo feminino.

— Meu Lorde...

A voz, contudo, o acordou de vez. Abriu os olhos e deu-se conta de que a mulher que agora invadia não era a esposa. Não tinha o cheiro da esposa. Nem seu olhar desafiante.

Saiu de cima dela, com certa vergonha pelo vexame masculino. Estava com raiva, mas já havia satisfeito a carne na noite anterior. Não precisava continuar algo que não levaria a nada.

Ergueu-se da cama e buscou as roupas. A morena, languida, o encarava com um sorriso.

— Estou sempre aqui, meu senhor — ela indicou. — Quando me quiser...

— Obrigado — disse, largando algumas moedas de ouro sobre a banquetta.

Saiu do quarto como se fugisse dos demônios do submundo.

Rumou reto até o cavalo. Estava protegido embaixo de um telhado. Aliviou-se porque sequer pensou no animal durante a noite, deixando-o na chuva.

Subiu em cima e partiu em direção ao castelo.

Como encararia Megan, agora? Não que fosse algum problema. Ela não o queria e ele sabia muito bem que nenhum nobre costumava ser fiel.

Contudo, Samantha o havia criado para ser digno de uma esposa...

Mas a esposa em questão também não era digna dele!

Pouco depois entrou na parte da cozinha. Sentou-se na mesa de madeira e viu Tuane assustada por sua presença.

— Me sirva — ordenou. — Preciso comer, pois irei ver os aldeões.

— A Senhora está no salão tomando o dejejum.

A óbvia sugestão de que se unisse a ela não passou despercebida a Brandon. Então Megan não havia dito às servas o que havia ocorrido entre eles?

Sorriu.

Repentinamente, puxou Tuane pelas ancas até si.

— Me diga uma coisa, querida — murmurou, sedutor. — Preciso de uma mulher carinhosa dentro desse castelo frio.

— Se não me soltar agora, contarei a minha senhora — ela o advertiu.

Aquela lealdade lhe surpreendeu.

— Posso lhe pagar bem.

— Minha fidelidade já tem dona — Tuane avisou. — Não há preço para isso.

— Posso tomá-la a força.

Sequer soube porque insinuou aquela ameaça. Jamais faria tal coisa.

— Sinto muito — disse em seguida. — Sua Senhora me deixa louco — murmurou. — Nunca mais se repetirá.

Tuane voltou a se aproximar. Ele ergueu os olhos para ela.

— Se crescesse em Keelin saberia que é difícil para qualquer mulher daqui confiar num homem. Minha senhora apenas está se protegendo.

— De mim? Não lhe faria mal algum.

— E como acreditar em tal coisa se ela precisou enfrentar o próprio pai várias vezes para salvar até mesmo meninas que não sangravam?



Megan não ergueu os olhos quando ele sentou-se à mesa. Ela estava abatida e nitidamente não havia dormido durante a noite, mas ele também não estava em melhores condições.

— Estive com uma mulher — Brandon lhe contou, de súbito.

Nenhuma reação.

— Nunca mais vai se repetir — avisou, em seguida.

— Não faça promessas que não...

— Não irei cumprir? — interceptou-a. — Sou o mais jovem dos Águias, mas não sou um garoto no cio. Estive com uma mulher, mas percebi que não a quero. Vou esperar por você — afirmou. — Você. — Repetiu, não querendo deixar dúvidas. — Não sei quanto tempo levará, mas quando decidir ser minha esposa, então estarei pronto e digno para aceitá-la. Até lá, fique tranquila que dormirei no chão, bem longe de seu corpo amargurado.

Ele parecia pronto a sair.

— Por que está fazendo isso?

A indagação feminina não o surpreendeu.

— Eu quero uma esposa — ele foi franco. — Uma companheira.

Houve alguns sons externos que quebraram por alguns segundos o silêncio que se instalou.

— Mulheres já tive as pencas — contou, prosseguindo. — Mas, alguém para mim... Isso é inédito. E é isso que quero.

— E por quê?

— Não faço ideia. — E estava sendo sincero. — Por que me sinto tão conectado a ti, Megan? O que você fez além de me trair e humilhar?

Quando ele saiu do salão, a pergunta ecoou na alma de Megan. Ela não sabia, mas aquela conexão derivava de Masha e Bran, tão opostos e tão únicos, que também se queriam da mesma maneira.



Por que se sentia tão confusa? Desde quando os sentimentos de um homem lhe importavam?

Homens... Seres traiçoeiros capazes de subjugar uma mulher a sua bel vontade. O pai... Os irmãos... Finn...

Fechou os olhos, tentando evitar o pensamento de se conectar ao outro. Brandon havia se mostrado oposto a todos eles.

E então veio a culpa. Todavia, que culpa? Como ela poderia adivinhar que um Águia não a obrigaria as núpcias? Como ela poderia crer que um homem aceitaria o tempo de uma mulher?

— Ah, a tristeza não combina com seus olhos de Deusa.

O sacerdote Raoni surgiu diante dela, como uma assombração.

— Olhos de Deusa?

— Masha tem o seu olhar. Dizem que ela foi a criadora das esmeraldas.

Megan sorriu. Havia um traço de infelicidade em seu semblante, mas as palavras do sacerdote costumavam acalenta-la.

— Gostaria de me tornar uma serva de Masha — contou. — Vagar entre as terras para espalhar sua verdade.

Sim, fugir. Fugir de Brandon e do que diabos ele provocava nela.

— Esse papel é ofício dos homens. A vocês, mulheres, cabe algo mais importante.

— É mesmo?

— Colocar crianças ruivas na terra.

E como diabos ela conseguiria escolher a cor do cabelo de um bebê?

— Mas, há algo mais importante no momento — Raoni desconversou. — O que acha de criar um templo para Masha?

— Um templo?

— Um santuário onde os novos convertidos possam vir adorá-la.

— Achei que ela estava em todo lugar.

— Sim, mas precisamos tornar nossa fé oficial e séria. Nada como um templo para isso. Obviamente, precisaríamos do apoio de Keelin.

Aquilo devia ser decidido por Brandon. Contudo, ele já havia dado mostras de que não gostava da presença de Raoni. Mesmo assim, não o havia mandado embora.

— Falarei ao Lorde.

— Precisa aprender a tomar sua decisão, minha senhora.

— Sou a mulher...

— É a Ruiva! — ele exclamou. — Aquele homem de cabelos escuros não pode ter maior vontade que você.

Sentiu-se estranha pelas palavras. Era a segunda vez que Raoni tentava sugerir algo que ela não era capaz de captar.

Contudo, suas dúvidas foram reprimidas pela chegada de uma aldeã.

Era comum, tempos antes de Brandon, que as mulheres viessem até ela quando precisavam de socorro. Agora, o tempo parecia ter voltado ao passado.

Tão logo a viu, pensou que o marido havia quebrado a promessa. Afinal, era homem como os demais. Será que estava atacando as mulheres? Estuprando-as?

— Minha Senhora — a mulher atirou-se em seus braços.

Megan retribuiu o abraço. Sabia que havia uma carência maior que a afetiva naquele ato.

— Homens — a mulher exclamou. — Bandidos adentraram o feudo e estão atacando as camponesas.

Não era comum. O feudo era bem protegido.

— Onde isso?

— Perto dos limites do feudo, próximo ao mar. Uma jovem foi estuprada, e seu pai morto.

Megan perdeu o ar.

— Preciso avisar meu marido — murmurou. — Brandon precisa enviar nossa guarda para...

— Seu marido? — a voz de Raoni a tocou. — Você, Megan! Você! — ele a pegou pelos ombros e a sacudiu de leve. — Ruiva como Masha! Faça o que tem que ser feito.

— Como?

— Uma espada. Pegue uma espada e o resto a Deusa te guiará.



— Calor e muita luz — o aldeão apontou. — É o tempo ideal para milho — indicou. — Mas o antigo senhor não gostava da planta.

— E por que não? — Brandon interessou-se.

— Dizia que não passava de comida para as galinhas.

Brandon soltou uma sonora gargalhada.

— Pode plantar — avisou ao aldeão. — Use a terra como melhor lhe parecer.

A figura de uma mulher surgiu ao longe. Uma camponesa que corria a passadas largas em sua direção. Brandon guiou o cavalo até ela.

— Aconteceu algo?

— Sua senhora — ela gritou. — Ela foi atrás de bandidos.

Aquilo parecia tão inacreditável que Brandon precisou pedir que ela repetisse.

— E por que ela faria isso? Por que não veio a mim?

— O sacerdote lhe disse que era isso que uma Deusa Ruiva queria.

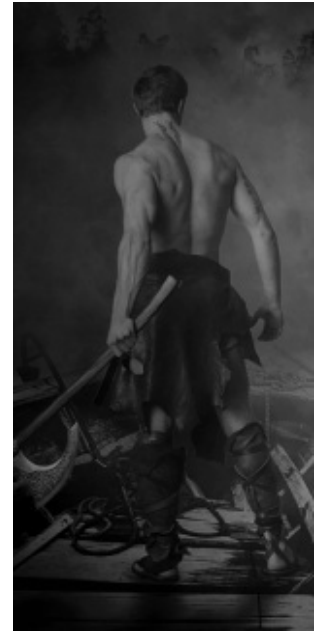
Brandon sentiu o sangue acender em suas veias. Depois de trazer Megan de volta, ele arrastaria a cara de Raoni pelo vilarejo.

— Em que direção ela foi?

A mulher apontou com o dedo.

O príncipe Águia mostraria que não era apenas um bom senhor feudal. Poucos sabiam, mas ele dominava a espada com maestria.

A MISSÃO



Havia muitos lugares para se esconder naquela mata verdejante.

Megan troteou vagorosamente em cima de seu alazão, em busca de qualquer sinal dos bandidos. Momentos antes estivera com a jovem. Ordenou-lhe que buscasse pela segurança do castelo.

Depois, sozinha, passou a seguir pela floresta, em busca daqueles que haviam atacado a família.

Em suas mãos, uma espada de aço forte parecia arder. Nunca havia segurado uma arma antes. Não sabia como manejá-la.

Contudo... Havia a fé.

Raoni lhe disse que Masha lhe guiaria. E ela atirou-se como cega àquela promessa.

O som ao longe dos pássaros lhe arrepiou. Ela parou o equino e desceu.

A beleza diante de seus olhos parecia um afago do divino. Raoni disse que tudo aquilo um dia secaria, tornar-se-ia deserto. E era uma pena. Porque

havia tanta vida em meio às árvores que o coração de Megan se corroía no pensamento do fim.

Subitamente, som de passos. Ela havia seguido a trilha atrás dos homens. Viu rastros, galhos quebrados, indicando que estava no caminho certo.

Bem da verdade, por algum estranho motivo, sentia que eles não queriam se esconder. Nem tentaram apagar os vestígios de sua direção. Era como se a esperassem...

Por quê?

A indagação se perdeu a visão de três encapuzados usando máscaras. Três homens fortes e grandes que riram quando a viram, como se estivessem prontos para dominá-la e usá-la como fizeram a pobre menina que viu o pai ser assassinado.

— Quem são vocês? — ela questionou, corajosa. — Exijo seus nomes e exijo que se entreguem. Levar-lhe-eis a justiça de Keelin. O Lorde julgará a punição para seus crimes.

E então eles avançaram. Empunhavam espadas e a desferiram com força contra ela.

Incrivelmente, o reflexo. Megan ergueu a própria arma e a segurou firme, protegendo-se.

— Bastardos! — gritou, com ódio.

E o ódio a guiou naquela batalha.

Conseguiu se desvencilhar e atacou. Nunca antes empunhara uma arma, mas agora entendia o que Raoni havia lhe dito.

A Deusa a guiava... A Deusa sempre a guiaria.

O som do tilintar das espadas invadiu o ambiente. Um dos homens pareceu mais frágil e ela o atacou primeiro. Após uma troca de batidas do aço, ela agachou-se, protegendo-se de um ataque. E então, na mesma posição inferior, levou a espada de forma reta e forte contra o ventre do homem.

Como era incrível a sensação de furar uma carne...

Era duro, mas o rasgo também causava euforia.

O sangue surgiu diante dela... O vermelho... Masha...

Volveu para os demais, mas sentiu-se tonta repentinamente.

“Você está sendo usada...”.

Aquela voz em sua mente não era feminina.

Olhou para o lado em busca do autor.

Logo o viu. Um homem alto, bonito e de cabelos negros.

“Eles não me veem” — ele decretou, explicando porque os homens não lhes davam ouvidos. “Você tem o sangue de Masha, de ti nascerão os descendentes ruivos dessa terra”.

O que era aquilo? O que diabos era aquilo?

“Estão te usando para o ódio. Eles precisam do ódio para que Masha perca o controle mais fácil. Quanto mais raiva, mais rápida essa terra secará e se tornará deserto”.

— Quem é você? — ela gritou.

Repentinamente, um ardor no ombro. O homem que a atacou certamente não queria feri-la, pois não o fez diretamente em um ponto vital. Tentou se concentrar novamente na batalha, mas então o sussurro em seus ouvidos a cegou-a.

“Bran”.

Foi nesse momento que ela caiu no chão, despencando não apenas a mulher, mas a alma que a regia.



— Quem é você?

Foi o grito que levou Brandon na direção da batalha. Ele cavalgou rapidamente, e chegou até ela com rapidez. Não havia mais ninguém ali. Nenhum homem, mas, havia sangue.

Uma poça próxima de uma das árvores e outra no ombro da esposa que estava no chão.

— Megan! — ele gritou, saltando do cavalo e correndo até ela.

— Eles fugiram... — ela murmurou, os olhos entreabertos. — Quando perceberam o som dos cascos do cavalo...

Brandon levou a mão até o ombro avermelhado. O sangue manchou a camisa de linho branco.

— Está ferida... — constatou, lhe erguendo nos braços.

Sentiu o corpo frágil contra si. Em um segundo que pareceu imperceptível, a mulher pareceu segurar-se em sua presença.

— Megan... — ele murmurou.

E então ela entreabriu os lábios. A troca de olhares seguiu-se ao beijo gentil. O primeiro.

O segundo veio em seguida, com mais afinho, o lábio inferior de Brandon cobrindo todo o lábio inferior dela, chupando-a, desejando-a mais que tudo.

O gemido de dor por fim cessou aquela troca de afeto. Em silêncio, Brandon a levou até seu alazão. Momentos depois partiam em direção a segurança do castelo.

O D E V E R

— O sacerdote deseja vê-la — Aidil disse à Brandon da entrada do quarto.

A esposa estava no leito. O médico do feudo havia lhe feito um curativo. Por sorte, o furo provocado pela espada não fora grave.

Brandon suspirou. Céus, ele odiava aquele homem. Contudo, Megan tinha muito apreço por Raoni.

Encarou a esposa. Ela não havia dito uma palavra após o beijo trocado na floresta. Imaginou se ela pediria por sua benevolência com o sacerdote, mas Brandon decidiu simplesmente aquiescer e se afastar.

Megan ficou tocada. Não esperava que ele a respeitasse tanto assim, que lhe fizesse as vontades mesmo que ela não lhe dissesse uma única palavra.

Quando Aidil e Brandon saíram do quarto, Raoni entrou. Observou-a no leito e a percebeu sorrir.

— Lutou, minha brava senhora? — ele indagou.

— A espada parecia ter vida própria, contudo...

— Diga-me, qual a cor dos cabelos dos homens que a atacaram? — interrompeu-a.

Megan estranhou a pergunta.

— Estavam encapuzados.

— Não viste nenhum? Ah, mas com certeza eram cabelos escuros — deu os ombros. — Ruivos não atacam assim...

Megan queria retrucar aquela frase, quando se lembrou do tal Bran.

— Havia um... De cabelos escuros — ela contou.

Raoni pareceu surpreso.

— Mesmo?

— Sim. Bran... — recordou o nome. — Mas, ele não interferiu. Apenas... Não sei explicar...

— Bran?

Raoni pareceu assustado.

— Sabe quem é? Já ouvi esse nome antes... Todavia, não me recordo onde.

— Não faço ideia de quem seja — negou, rapidamente.

Megan queria trocar mais algumas palavras, mas o sacerdote saiu rapidamente do quarto, sem olhar para trás, deixando-a completamente pasma por sua atitude inesperada.



— Você a machucou? — Um dos encapuzados tirou a máscara. Seus cabelos vermelhos surgiram depois, contrastando com o verde dos arbustos da mata.

— Não — o outro retrucou. — Mas, acho que ela feriu Radin de forma mortal.

Os três homens pertenciam ao clã de Raoni. Haviam fugido da mulher e levado o amigo ferido com eles. Não podiam voltar ao feudo porque suspeitariam do ferimento do outro.

— Mestre Raoni disse a verdade. Você viu como ela lutou?

— O sangue de Masha...

Repentinamente, o silêncio. As árvores pararam de mover-se pelo vento e os pássaros não mais cantaram.

Olharam para os lados, assustados com o sobrenatural.

Então a viram.

A Ruiva.

Emocionados, choraram enquanto se ajoelhavam diante dela.

— São manipulados — o som às costas de Masha a travou. — Não os mate.

— Eles estupraram uma menina e mataram um inocente – ela retorquiu, caminhando em direção aos homens.

— Não deixe que a raiva a domine, meu amor...

Masha não encarou Bran. Seguiu adiante. Não aguentava mais. Estava em seu limite. Nobres estuprando e matando meninas e mulheres, pobres sendo explorados, corrupção em muitos corações...

Ela não podia mais suportar...

Ela perdeu o controle... E pensar que quando recebeu aquela terra do Criador, tudo que sonhava para seu povo era uma vida de felicidade e paz.

— Nunca mais se meta — ordenou ao marido. — Os ruivos são e sempre serão problema meu.

Bran assentiu, enquanto desviava o olhar da morte rápida que a esposa dava aos homens que acreditavam cumprir sua vontade.

O calor daquela noite pareceu mais forte que o já normal abafamento.



— Você teve muitas mulheres?

A pergunta feminina fez Brandon abrir os olhos. Estava deitado ao lado

do leito da esposa, no chão. Aquilo não o incomodava, até preferia o frio das pedras, pois o calor havia aumentado naquela madrugada.

— Sim, muitas.

Ela sorriu diante da franqueza. Aproximou-se da beirada da cama e olhou para baixo, em sua direção.

— E já amou alguma?

Ele negou.

— Você já amou alguém? — indagou, em contrapartida.

— Não. — A resposta dela parecia inverídica.

Até porque, desde o beijo, percebeu que vivia algo muito intenso pelo esposo.

— Você jamais me amaria, não é? — ela indagou. — Meu cabelo cacheado sem formas, tão acobreado que parece tinta desbotada. Meu corpo grande, gordo...

Não houve respostas. Brandon não conseguiu dizer nada.

Falar deixaria claro que já estava desesperadamente apaixonado.

O MEDO



Por algum estranho motivo, Megan não sentira a falta de Raoni naqueles dois dias que não o viu.

De forma repentina, começou a ter aversão a ele. Algo muito semelhante ao sentimento do marido pelo homem.

Portanto, quando Raoni se aproximou naquela manhã da Senhora de Keelin, Megan apenas sorriu, constrangida. Caminhava pelo jardim de Keelin, apreciando as flores, e não queria ser incomodada com assuntos que lhe agoniavam.

— Perdoe-me por não ter ido mais visitá-la enquanto convalescia — O sacerdote pediu. — Estive em orações e súplicas para Masha desde então.

A mulher assentiu.

— Não se preocupe.

— Preocupa-me a visão que teve.

— A de Bran? — ela murmurou. — Estou buscando livros para entender de onde ouvi falar seu nome.

Raoni negou.

— Esqueça isso, minha senhora. Cabelos negros não devem ser levados em consideração. Algo a mais me aflige. Diga-me: sinto uma certa animosidade entre a senhora e vosso esposo.

— Por que diz isso?

— Existe um olhar de intimidade entre um casal que não parece ser compartilhado por vocês dois.

Apesar daquela sensação ruim, Raoni era o sacerdote de Masha, e Megan viu-se assumindo:

— Ainda não consumamos o casamento.

Houve uma clara e nítida reação de felicidade por parte do sacerdote. Ele segurou firme suas mãos, mal contendo as lágrimas.

— Por Masha, que notícia maravilhosa. Assim será mais fácil conseguir uma anulação.

A palavra fez Megan puxar as mãos.

— Do que fala?

— Ele tem cabelos negros! Entende que não pode ter filhos com aquele homem? Precisa colocar ruivos no mundo. O Sangue de Masha precisa ficar puro e limpo.

Repentinamente a figura sucinta de um homem grande surgiu de trás de uma pilastra.

— Brandon — ela murmurou, ao percebê-lo avançar.

Foi empurrada para o lado, enquanto o mais jovem dos Águias avançava contra o sacerdote. Chocada, Megan o viu erguendo o braço e desferindo um soco forte em Raoni. Correu para tentar segurá-lo, mas novamente foi empurrada, dessa vez com mais força.

— Brandon — ela gritou, tentando fazê-lo voltar a razão.

— Desgraçado! Você está tentando colocar minha esposa contra mim?

— Imundo — Raoni murmurou. — Imundos serão vossos filhos!

Brandon novamente o socou. E então o agarrou e o levou até o final do jardim. Jogou-o no chão com força. Atrás dele, Megan assistia a tudo com torpor e pavor.

— Saía de minhas terras e nunca mais volte — ordenou.

— Essa terra é de Masha.

— Então mande a sua Deusa vir pessoalmente me tirar daqui — Brandon retrucou. — Desapareça ou eu o matarei!



— Brandon!

A exclamação de Megan perdia-se nas passadas rápidas do marido pelo corredor do castelo. Enfim, ele chegou ao quarto. Atrás dele, ela encolheu-se quando o viu socando o leito.

— Me perdoe — implorou.

— Além de tudo que já fez — ele a encarou —, ainda tem a capacidade de falar sobre nossa intimidade àquele homem?

— Ele é um religioso — explicou-se.

— Ah quando tempo ele vem lhe aconselhando sobre uma anulação?

— Nunca havia dito claramente, eu juro.

Era difícil acreditar em qualquer palavra que saísse dos lábios femininos.

Brandon sabia que a melhor forma de acabar com tudo aquilo era atirá-la no leito e fazê-la sua mulher em todos os sentidos. Nenhum clero no reino permitiria que ela se separasse dele depois da conjunção carnal.

Todavia, ao observá-la, sem nenhuma paixão no olhar, ele simplesmente deu os ombros.

— Vou sair — anunciou.

— Aonde vai?

Por que inquiria tal coisa? Sequer lhe importava!

— Por favor, me perdoe — ela insistiu.

— Você agiu pelas minhas costas, apesar de eu nunca ter-lhe faltado com o devido respeito. Estranhamente, todos me consideram bárbaro por ter nascido em Hilde, mas a pessoa mais plebe aqui é você. Seus vestidos caros, e sua forma polida de falar até pode enganar e fazer qualquer vivente crer que está diante de uma dama. Mas, você é só alguém baixa, que se submete a qualquer coisa para fazer sua vontade.

E sem mais palavras, ele saiu do quarto. Não viu, mas a deixou lacrimejante para trás.



Brandon adentrou a taberna e passeou os olhos nas fêmeas que lá estavam.

Negou com a face, em seguida, e sentou-se diante de uma mesa.

Não, não procuraria uma mulher porque ele sim tinha palavra. Ele era o Príncipe de seu povo. Erick sempre disse que o erro do próximo não o autoriza a errar também.

Ergueu a mão. Pediu bebida. Um licor escuro foi posto em sua frente e ele bebeu uma garrafa inteira em poucos minutos. Depois, pediu outra.

— Não vai querer ir para um dos quartos, meu Lorde? — o taberneiro indagou.

Negou com a face.

Não queria quartos, mulheres ou prazer.

Só queria Megan. A aprovação dela. A cumplicidade dela. Contudo, isso parecia mais longe do que tudo até então.



A noite virou dia, e quando os olhos do senhor de Keelin abriram-se um tanto doloridos pela bebedeira da madrugada, ele percebeu que havia passado à noite sentado naquele banco, enchendo a cara, enquanto a mulher provavelmente dormira em lençóis de seda, pouco se importando com seus sentimentos.

Era um tolo.

Quase riu.

Depois, rumou para o castelo. Tudo parecia de acordo, sem nenhuma diferença dos demais dias. As coisas caminhavam sozinhas, quase não se precisava de um senhor feudal. Mesmo assim, havia obrigações que só ele poderia comandar. Decidiu ir até o quarto se limpar e trocar de roupa, e depois rumar para seus afazeres.

Ao abrir a porta do quarto, percebeu Megan sentada na cama, como se estivesse igual desde a noite anterior.

— Você dormiu? — ele indagou, diante das olheiras e do estado nervoso dela.

Viu-a negando com a face.

— Por que não? — questionou.

— Estava preocupada.

— Comigo? — quase riu. Mas, subitamente, entendeu que ela falava sério.

— Coloca-se no meu lugar, um único minuto — ela implorou. — Nasci mulher num mundo que não valoriza isso. Filha de uma ruiva a qual meu pai não nutria afeição. Tratada como estorvo desde sempre, tive apenas Finn para me

amparar, até ele mesmo dar-me as costas.

Brandon podia entender aquilo. A família Keelin era terrível, pelo que ouvira do cunhado. Mas, o próprio cunhado não era a melhor das testemunhas. Megan fora abandonada entre os seus.

— Eu tenho medo de você — ela confessou. — Porque você fica dizendo que irá me esperar. Fica me tratando como se eu tivesse qualquer importância. Até me faz promessas e me conta quando erra. Diga-me: quanto tempo até você também decepcionar-me?

Ele sentiu os olhos cheios de lágrimas. Então sorriu.

— Não passei à noite acompanhado — narrou a ela. — Na verdade, passei. Mas, não com outra pessoa e sim com uma garrafa de bebida. E fugi porque estava nervoso e não queria ser agressivo contigo.

Percebeu o sorriso nervoso da boca linda. Aproximou-se e a abraçou, beijando o topo de sua cabeça.

— Você é linda, Megan. Céus, como eu a quero. Mais do que quis qualquer outra mulher nessa vida. Eu sei que os homens da sua vida só a desprezaram e destruíram sua autoconfiança, mas quando eu a olho, só fico me perguntando quando terei uma chance...

Ela fez menção de lhe dizer algo, mas ele a interrompeu.

— Você me perguntou na outra noite se algum dia eu viria a amá-la, Megan — lembrou. — Eu já a amo. — Confessou.

Depois, deu-lhe as costas e saiu para seus afazeres. Havia uma explosão de sentimentos no âmagô da mulher.

Acreditar em suas palavras poderia ser sua ruína. Crer nelas, igualmente, poderia levá-la ao paraíso. Ambos os caminhos lhe deixavam em temor.



Apesar da surra, Raoni estava à sua espera quando saiu a cavalo para verificar o trabalho do feudo.

Sentiu uma explosão de raiva em seu íntimo. Quis saltar do cavalo e correr até o homem, agredi-lo até perder as forças.

— Sua esposa é especial — o sacerdote avisou, antes de qualquer ato seu. — Ela é sangue de Masha. Ela é o começo de uma linhagem...

— O começo da minha linhagem! — berrou, aproximando-se perigosamente. — Eu lhe dei uma chance de fugir. Por que fica? Quer que eu o mate?

— Sim, é isso que ele quer — alguém respondeu por Raoni.

O tempo parou. O ar, os pássaros no céu. Ao longe, um camponês mantinha a enxada erguida, como se estivesse prestes a afundá-la na terra. Contudo, aquela brecha no tempo e espaço deu a Brandon a certeza de algo divino.

Volveu em direção à voz masculina. Um homem de aparência nobre, cabelos e olhos tão escuros quanto à noite, a pele tão clara quanto à neve, o observava atentamente.

— Ele vai conseguir — o homem antecipou. — Talvez não com você. Nem com Megan. Mas, ele vai conseguir.

— Quem é você? — As palavras do outro tinham pouca importância perto da presença aterradora.

— O mal não tem forma, ele encarna em diversos corpos. Agora está nele — apontou para Raoni. —, mas logo sairá daqui. Já plantou sua semente, já tem adeptos. E já enlouqueceu Masha ao ponto de ela avançar contra seus

próprios ruivos. Então ele escolherá Cashel ou Bran... Sinto que algo irá acontecer. Com a seca aqui, a umidade vai em direção à minha terra. Se for... O que ocorrerá? Se tudo faz parte de um ecossistema, penso que em Bran advirá um inverno sem fim...

— Você é um Deus?

— Um mantenedor — o outro retrucou. — Um mantenedor muito preocupado.

Brandon era capaz de entender aquilo. Também podia sentir algo maléfico vindo de Raoni.

— O que eu devo fazer?

A pergunta fez o outro homem sorrir.

— O que um homem deve fazer? Cuidar da sua família.

Então o outro ergueu a mão e estalou os dedos. Imediatamente a vida voltou ao normal.

A T E R R A

— Não pode me separar de Megan — Raoni prosseguiu, firme. — Ela é o sangue de Masha e sou o principal sacerdote da Deusa, agora. Precisamos ficar perto um do outro para levarmos adiante...

Repentinamente, Raoni deu-se conta de que Brandon estava de costas para ele. Quando havia se virado? Depois, o olhar do Águia voltou-se assombrado, como se algo tivesse ocorrido, mas que não fosse da intenção do homem de Hilde lhe explicar.

Ignorou-o. Porque havia a necessidade mais urgente de fazer as coisas darem certo.

— Você não é o dono dessa terra. Não o odeio — Raoni tentou ser gentil. — Há uma terra para você além do mar. Um lugar onde você e os seus...

— Meus?

— Os de cabelo preto — explicou. — Esse lugar...

— Os meus são minha família — Brandon devolveu. — Meu povo! Meus irmãos! Acima de tudo e de todos, minha esposa! Agora, desapareça desse lugar!

— Não entende? Masha não perdoará essa miscigenação de raças. É dela a intenção de pureza.

Brandon avançou, empurrando fortemente a Raoni.

— Se é o desejo de sua Deusa que eu me vá, que ela venha pessoalmente me dizer. Não aceito um lacaio como você a me dar ordens!

Capítulo 11

A FÉ

Megan observou o marido aproximar-se do castelo naquele final de tarde. Havia chegado até seus ouvidos, pelas amas, que o esposo havia confrontado o sacerdote. Temeu.

— Você o matou? — ela indagou.

Especialmente, porque era direito dele. Raoni estava tentando expulsar Brandon de uma terra que havia sido entregue a ele pelo antigo senhor, Finn.

— Não — moveu a face. Depois, sorriu, tentando tranquilizá-la. — Mandei os soldados ajudarem o clero de Masha a reunir seus pertences e partir.

Megan quase suspirou de alívio.

— O que sabe sobre essa Deusa Ruiva, Megan? — questionou, gentil, tentando não afugentá-la. — Quando Raoni surgiu, você creu imediatamente em suas palavras.

Ela suspirou, como se pensasse se devia ou não contar seu segredo ao marido. Por fim, estendeu a mão a ele e o convidou a entrar no castelo.

Na antessala, longe do olhar curioso de qualquer lacaio, por fim, desabafou.

— Quando Finn foi embora, fiquei desesperada. Meu pai e meus irmãos não eram bons homens e, seguidamente, precisei salvar as mulheres de estupros ou coisas piores. Apesar de não haver abusos físicos contra mim, o tratamento que me destinavam não era dos melhores. Meu pai sempre fez questão de me rebaixar. Meus irmãos me ridicularizavam pelas minhas curvas avantajadas e meu olhar turvo.

— Olhar turvo?

— Nunca lhe disse, mas sinto dificuldade de enxergar ao longe. Perto, sem problemas. Vejo nitidamente. Mas, à distância, meu olhar desfoca. Diziam ser uma maldição.

— É apenas um problema de vista. — explicou, tranquilizando-a. — Não

é grave. É comum em quem lê muito.

— Até mesmo em homens?

— Os homens que cuidavam dos livros de Hilde tinham o mesmo problema.

Estranhamente, aquelas palavras pareceram tirar um peso enorme de Megan.

— Então, quando Finn partiu, eu também fugi sem direção. Corri pelas planícies, durante a noite, sem um rumo definido. Só queria desaparecer. Foi quando a vi.

— A Ruiva?

Assentiu.

— Palavras não podem explicar o que senti. Um êxtase poderoso tomou conta do meu coração. Naquela noite ela me disse que me protegia. Foi tão poderoso. Repentinamente, não estava mais sozinha. Eu tinha alguém. Eu tinha Masha.

Megan sorriu. A recordação a acalentava.

— Ela disse que eu era forte. — recordou. — Passei toda a vida sendo chamada de fraca, de frágil. Meus irmãos diziam que as mulheres eram os seres inúteis da natureza, mas a Ruiva tinha um olhar tão firme, tão intenso... E ela afirmou que eu era parte disso. Foi a primeira vez que percebi que poderia ser feliz.

— E o que fez com essa informação?

Houve uma sombra no olhar verde-esmeralda.

— Eu fiz o que achei justo.

— E o que seria isso?

— Não considero narrar os detalhes — murmurou. — Há coisas das quais não carece saber.

— Mas exijo!

Megan sentiu os olhos arderem com as lágrimas.

— Fiz justiça.

— Justiça?

— Meus irmãos desgraçaram vidas. Desgracei a deles.

Brandon compreendeu que ela os havia matado. Não conseguiu culpá-la.

— Eu compreendo e não a julgo — afirmou.

A frase chocou Megan de tal forma que ela quase perdeu a força nas pernas. Um homem conseguia compreender o tamanho de horror que as mulheres daquela região passavam?

— O que foi? Esqueceu-se que eu tenho uma irmã? Se Samantha tivesse que matar a mim ou a Erick para se proteger e proteger aquelas que estão sobre sua tutela, eu jamais a condenaria.

Escondeu as lágrimas conflituosas. Por que ele era assim? Por que era tão perfeito em cada detalhe?

— Existe algo que preciso saber, Megan — Brandon prosseguiu. — Raoni insiste que a Deusa Ruiva nos quer separados. Você cumpriria sua vontade?

Houve um pestanejar. Havia a fé de um lado. Aquele sentimento avassalador de outro. Percebendo a confusão, Brandon avançou, agarrando-a pela cintura, prensando-a contra a parede.

Naqueles breves segundos, Megan sentiu-se quente e entorpecida.

Céus, ela o queria... Ela o queria muito.

— Diga-me! Separar-se-ia de mim?

Não havia respostas. Megan não desejava aquilo, mas, na mesma medida, se as palavras viessem de Masha, ela não teria escolhas.

— Não farei nada que Raoni quer — retrucou. — Até porque não tenho mais certeza que ele fala por Masha.

Brandon assentiu e a soltou. Houve um breve momento onde ela sentiu uma decepção enorme pelo fato do corpo do marido não estar mais junto a si. Mas, como a dama que era, escondeu seus sentimentos numa máscara de sobriedade.

— Respeito a sua Deusa, Megan. Mas, não a deixarei ir. Não vou me separar. Não importa o que aconteça, avassalo tudo e permaneço. Foi você mesma que uniu nosso sangue no casamento. Esse laço é inquebrável. Nem a morte me separaria de ti.

REDENÇÃO

Da maneira como Brandon havia dito, até parecia que Megan desejava separar-se dele. Não percebia que a esposa o admirava? Que sentia tremores desconhecidos e quentes quando ele estava próximo?

Megan sofria. Sofria porque estava entre o desejo por Brandon e as palavras de Raoni. Precisava de uma luz. Precisava da Ruiva para lhe indicar o caminho certo.

— Minha senhora carece de um bom chá — Aidil surgiu no salão carregando uma bandeja. — Camomila fará bem aos seus nervos.

— Nem toda camomila do mundo poderá me conduzir na escolha que devo fazer — ela murmurou.

— Mas essa escolha é tão óbvia, minha senhora. Num mundo como o nosso, quantas são agraciadas com um marido tão bondoso e respeitador quanto o seu? Não desperdice o amor de Lorde Brandon por dúvidas que são completamente sem sentido.

— A lealdade à fé não é algo sem sentido — retrucou.

— Eu sei — Aidil insistiu. — Mas, sua Deusa já lhe apareceu antes, não? Caso quisesse lhe transmitir algo, falaria pessoalmente. Não usaria alguém como Raoni, de olhar tão fanático, para aproximar-se da senhora.



Aquele era o lugar onde Masha a havia encontrado naquela noite assombrosa. O campo verdejante não parecia mais tão verde. Havia um tom amarelado, estranho, como se as plantas carecessem de água.

Megan fechou os olhos, pedindo em oração para que a Ruiva viesse. Mas, não a sentiu. O coração não transbordou de conforto. Ao contrário, seu corpo teve um profundo calafrio quando um som às suas costas se fez ouvir.

— Há puros e há imundos — A voz de Raoni chegou a ela.

Megan volveu a ele.

— Não havia ido embora?

— Não poderia ir sem antes lhe explicar — o sacerdote insistiu. — Nossa fé é baseada no respeito e no amor ao próximo. Contudo, também há regras tristes, mas que precisam ser seguidas.

— Puros e Imundos? — ela murmurou a ideia central.

— Essa é a base de tudo — Raoni aproximou-se, segurando suas mãos. — Nada tenho contra seu marido ou as pessoas de cabelos escuros. Porém, aqui não é o lugar delas. Existem terras ao norte. No meio do caminho, há Cashel, onde os negros serão felizes. Lá serão guiados pelo seu Deus. Adiante, há Bran...

— Bran?

O nome lhe espantou.

— Sabia quem era quando lhe indaguei?

— Não quis assustá-la — justificou-se. — Mas as coisas só entrarão no eixo caso tome a decisão certa.

— E qual é a resposta a essa decisão? — insistiu.

Repentinamente, o som de sua própria voz chegou a ela.

“E qual é a verdade?”

— Há Puros e Imundos! — Raoni permaneceu.

Contrastando a voz colérica, a macia de Masha voltou aos seus ouvidos.

“Toda a criação é igual. E todo aquele que desdiz isso está engajado com o Maligno”.

Foi impossível esconder seu choque.

Repentinamente, percebeu Raoni como o que ele exatamente era.

O maligno.

O mal encarnado.

Aquele que veio para desvirtuar seus pensamentos. Mas, por que exatamente ela?

— Você tem o sangue de Masha — Raoni pareceu ler seus pensamentos.
— É você que precisa começar essa divisão!

Não ficou para ouvir mais daquela blasfêmia.

Deu-lhe as costas e correu em direção ao castelo.

A lavagem cerebral que o religioso fez a ela chegava ao fim.



Brandon agachou-se diante da plantação de trigo. Colheu uma das plantas, procurando pelas sementes. Não havia.

O trigo não estava gerando. A terra parecia seca, não chovia há dias, mas o pior é que o nível do rio que cercava Keelin havia baixado bastante nos

últimos meses.

O que estava acontecendo com aquela terra?

Repentinamente, o som de uma corrida. Ao longe, o vestido marrom escuro da esposa fê-lo arquear as sobrancelhas. Megan parecia em total estado de pânico, e prontamente ele rumou até ela.

Quase assustou-se quando ela se jogou em seus braços.

Pela primeira vez, demonstrava uma fragilidade qualquer, mesmo que os motivos ainda estivessem ocultos.

— O que aconteceu?

— Raoni é algo maléfico — ela declarou entre soluços. — Ele quer me usar para...

— Raoni? Mas eu o expulsei...

— Ele me encontrou e...

Cortando sua fala, o marido a largou. Parecia possesso, pronto a ir atrás do homem e matá-lo.

— Brandon, me escute — ela implorou.

— E para quê? Vai protegê-lo?

— Não — negou. — A face de Raoni agora é visível para mim. Consigo visualizar sua maldade. Contudo, não podemos... Não podemos deixar que o mau nos guie.

Naquele segundo do tempo, os papéis foram invertidos. Bran falava por Megan. Masha, por Brandon.

— Esse homem está tentando jogar minha esposa contra mim! — berrou. — Ele quer nos separar. Eu o expulsei e ele se atreve a voltar.

— Se você matá-lo, não estará realmente o matando.

— O que quer dizer?

— Ele apenas mudará de casca.

— Fale claramente.

— Eu não sei explicar — suas lágrimas brotaram nos olhos bonitos. — Eu apenas sei. Um conhecimento que está além de meu âmago.

Brandon queria ir atrás do homem. Todavia, o pedido de Megan parecia

mais importante. Mordeu o lábio inferior, apertando os olhos e as mãos, tentando controlar a respiração e o nervosismo.

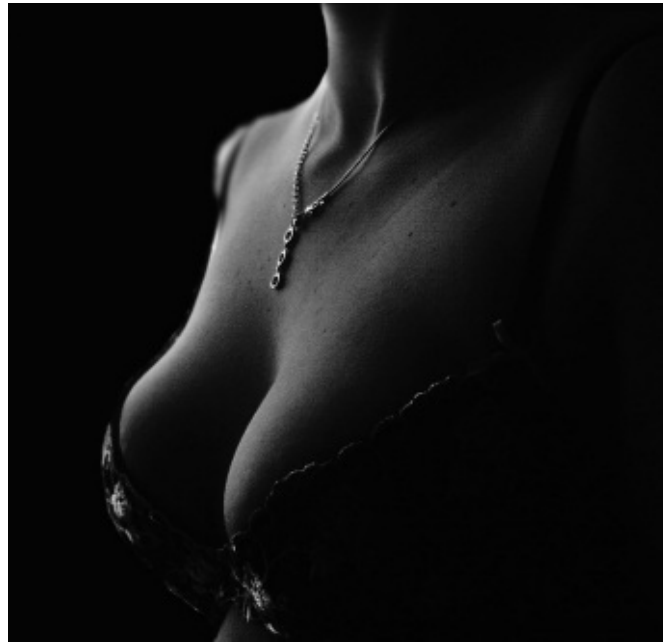
— Ele sabe que não é difícil tirá-la de mim — murmurou.

O semblante de Megan mudou, como se interessado.

— Até quando terei que esperá-la, Megan? Eu a quero...

E ela o queria. Por Masha... Como o queria.

PAIXÃO



Por alguns segundos, Brandon achou que ela partiria. Provavelmente, o medo. Aquele pavor que sempre parecia corroê-la quando estavam frente a frente, como se a entrega sexual não fosse nada perto da transparência de sua alma.

O aparente movimento de Megan parecia apenas cruzar por ele. Mas, algo pareceu retrocedê-la, então, quando Megan lhe deu as costas, passando de lado, arrebitou o arredondado traseiro contra ele, esfregando levemente contra seu baixo ventre.

Ela estava se oferecendo. Ele nem conseguia acreditar. Brandon sentiu-se inflamar automaticamente. O pênis ficou semiereto sobre a calça apertada, e sua boca abriu, facilitando a respiração irregular.

— Quero você. – Murmurou, segurando a cintura feminina.

— Vamos para casa... – Megan pediu.

Megan estava deliciosa. O vestido claro contrastava com as madeixas que o deixavam louco. O rosto enrubescido não escondia suas vontades. Pela primeira vez naquele casamento ela se mostrava como uma mulher.

A mulher dele.

— Não conseguirei esperar – Brandon avisou, o membro cada vez mais duro cutucando o traseiro feminino. — Aqui... Aqui...

Megan sentiu a mão habilidosa de Brandon descer pela lateral de seu corpo, e adentrar por debaixo das suas saias. Brandon acariciou suas coxas enquanto o que restou a ela foi soltar um longo gemido delicado que pareceu acendê-lo ainda mais.

— Vamos fazer? – Brandon sussurrou no seu ouvido.

— Não aqui – Megan temia serem vistos por alguém.

Brandon riu baixinho.

Ele daria a sua pudica esposa tudo que ela quisesse.



— Brandon... – Megan sussurrou, com urgência.

O leito pesado quase se moveu, com o movimento. Eles mal pareciam se reconhecer diante do torpor daquele desejo.

— Mete... agora... – pediu, a voz entrecortada.

Sentiu a língua afoita passear pelos seus ombros e, logo em seguida, Brandon morder aquela parte carnuda mais abaixo. Solto um gritinho sensual, o sexo pulsando de prazer naquela preliminar.

— Fique em cima de mim! – Brandon ordenou, a voz firme e seca. – Quero ver seu rosto quando estiver dentro de você. Quero que saiba que você é que ordena o ritmo.

Megan não tardou a cumprir o que lhe fora mandado. Quando seus olhos

encontraram os de Brandon, ambos sentiram o coração pulsar tão forte que mal podiam conter a emoção que parecia transparecer em sua pele e moldar seus lábios... Queria tanto confessar o que sentia.

— Eu te amo... — ela murmurou, emocionada.

Percebeu o sorriso abaixo. Respirou fundo. Chegara a hora de ela pertencer a ele de corpo e alma.



Megan era uma beleza difícil de ser explicada com palavras.

Era verdade que ela era um pouco acima do peso, mas havia um jeito gostoso naquelas formas avantajadas. Nua, Brandon pode explorar cada nuance de sua pele. Era clara, sedosa e apetitosa. Céus, ele queria devorá-la em cada pedaço.

Segurou-a pela cintura, num toque possessivo e firme. O bico dos seios estavam visíveis, e ele percebeu a pele arrepiada apesar de ambos suarem.

E então sentiu o olhar. Aquele olhar firme, de quem estava segura do que queria. E, nessa segurança, ela inclinou-se para frente e o beijou com volúpia.

Ao contrário do beijo gentil de outrora, o beijo trocado agora era exigente e, ao mesmo tempo, quente e vigoroso. Também, ao contrário do momento de antes, Megan se viu fervendo em milhões de focos de fogo que dançavam e andavam sobre a sua pele, fazendo com que ela amolecasse e gemesse alto e sem escrúpulos, enquanto os corpos se comprimiam um contra o outro.

Sentiu Brandon empurrando-se contra seu corpo. Ele a queria por cima, mas ela não sabia se era capaz de se manter naquela posição. Caiu de lado, tomada pelo desejo, puxando-o contra si. Ali percebeu o inevitável: tudo fora uma questão de tempo desde que se encontraram pela primeira vez.

Uma culpa tremenda a tomou quando recordou-se do quanto o rejeitou. Até mesmo o drogou para afastá-lo dela. Tinha sorte por Brandon ser cabeça dura e persistente. Em seguida, a visão erótica de Brandon arrancando o casaco, e depois a camisa, fê-la perceber que ele mal havia tirado a roupa desde que entraram no quarto.

Quase riu. Estava completamente nua, como se apenas o prazer dela importasse.

O torso desnudo a arrepiou. Guiada por um instinto primitivo, Megan avançou contra o outro, lambendo o peito definido, sentindo a língua áspera acariciar a pele salgada como se fosse o mais delicioso alimento dos deuses.

— Nunca fez isso antes? — Brandon parecia incrédulo diante daquela Megan febril.

Megan estancou.

— Desculpe — se afastou. — Estou fazendo algo errado? — indagou. — Realmente, eu nunca fiz nada parecido, mas estou tão necessitada por você...

Brandon sorriu com o canto dos lábios. Com as duas mãos, segurou o bumbum empinado de Megan, trazendo-o contra si, apertando sua elevação dura uma contra o ninho de cachos acobreados.

— Você me deseja? — riu, extasiado, quando sentiu que ela estava completamente entregue.

— É claro que eu o desejo — Megan retrucou. — Por que acha que eu fugi tanto de ti?

— Uma parte de mim acreditou que jamais a teria para mim — admitiu.

— É um tolo, Brandon — riu, voltando a beijá-lo. — Um tolo que quero devorar em cada pedaço de pele que minha boca conseguir alcançar. Nunca percebeu o quanto ficava nervosa em sua presença? Que na primeira vez que fiquei contra Raoni foi quando ele falou contra ti?

Megan viu Brandon curvar-se perante ela, a fim de um beijo diferente. Era um agradecimento. O beijo logo tomou novos rumos.

Em segundos, todas as suas defensas já estavam baixadas. Assim, Brandon lambeu as pétalas de sua feminilidade enquanto brincava com sua pele, passeando as mãos em seus seios, seu ventre, sua alma.

— Brandon — Megan gritou diante da sensação que teve.

Nunca havia sentido aquele estremecimento. Era como se o corpo convulsionasse de prazer.

Diante daquilo, Brandon retirou as calças. Com ambos nus, o Águia tomou à dianteira, deitando-se sobre a esposa.

O toque entre eles foi completo. Acariciando a face delicada, Brandon a tomou nos lábios, num beijo ardente. Megan gemeu, erguendo uma das pernas, circulando a cintura de Brandon com ela, tornando-se completamente entregue a ele.

— Nunca fiz isso antes — Brandon sussurrou.

— Ora, eu sei que fez — Megan riu. — Com muitas, aliás. Você mesmo me contou.

— Fiz sexo, não amor — perseverou. — Sou tão louco por você — admitiu.

Descendo os lábios, ele fez um trilha de beijos que foi do pescoço até a barriga, fazendo com que o corpo se movimentasse sobre o dela rapidamente para cima e para baixo.

Megan agarrou o lençol, tão entregue ao momento que se sentiu explodir em mil pedaços poucos segundos depois. Achou que era o fim daquele apogeu, mas Brandon a libertou na frente e, após virá-la de costas, atacou-a por trás.

O prazer era tão intenso que ela tentou fugir, desesperada. Então os dedos agarraram seus cabelos, num toque firme, enquanto a boca mordida seu bumbum.

Megan choramingou. Subitamente, precisava de mais. Dando leves movimentos com o bumbum para trás, ela fez com que Brandon percebesse que só aquilo não bastava.

Em segundos, Brandon deitava sobre ela, colocando o membro grande e duro na sua entrada vaginal.

De joelhos, ela o sentiu ergueu-a na cama, segurando seus seios, mordendo seu pescoço, aquecendo de uma forma sublime.

— Vai doer, Megan — avisou.

Que doesse!

O que mais importava?

Gritou quando a entocada veio firme e vigorosa. Uma mulherzinha diante de um homem daqueles, grande e forte. Quase riu, irritada consigo mesmo por

sua fragilidade. Repentinamente, contudo, percebeu os gemidos vindos de Brandon. Não era a única entregue. Ele também vivenciava cada pedaço daquele momento especial.

Aquela dor, aquele prazer, aquele misto de céu e inferno, era algo deles. Juntos.

— Ainda está doendo muito? — Brandon indagou baixinho.

Megan negou. A dor insuportável que a invadiu momentos antes tornou-se apenas uma leve ardência.

— Vou meter, está bem?

Quis recusar. Talvez eles pudessem apenas ficar daquele jeito, sem se mexer. Mas, quando o pênis de Brandon saiu e voltou, ele percebeu que a sensação fora extremamente potente em seu amado. Então, baixou a cabeça, abafando os gemidos.

O desconforto permaneceu por umas cinco entocadas diretas, até que Brandon remexeu-se um pouco e, quando voltou, o pênis tocou-lhe alguma parte sensível, fazendo-o gritar de prazer.

Brandon riu, feliz.

Depois, saindo de dentro de Megan, virou-a, erguendo as pernas a altura da sua cintura, entrando novamente nela. Ouviu protestos, mas os calou com um beijo molhado.

Então, com aquele novo ingrediente, logo a dança ficou frenética. Isolados naquele quarto, nenhum dos dois escondeu os gemidos e os gritos.

Numa dança voluptuosa, os corpos entraram num estado de frenesi inigualável. Arfando, agarrou-se em Brandon, pedindo por mais, para que fosse mais rápido, que não parasse, que a fizesse logo aliviar-se daquela tempestade. Pouco depois, sentiu-se novamente explodir, num alívio e estremecimento forte, num prazer indescritível.

Em seguida, Brandon deu um grito rouco, caindo sobre ela, melando-a com seu prazer.

— Estou vivo? — Brandon perguntou, fazendo-a rir. — Você está bem?

Megan o encarou, em êxtase.

— Não acredito que me privei uma vida toda dessa sensação.

Enfim, descobrira o que era a felicidade.

O FUTURO

O marido dormia no leito. O sol já havia nascido e tocava a pele desnuda como uma amante sensual e acalorada.

Megan sorriu para o amado.

Sim... Amado.

Não sabia como, nem quando, mas aconteceu. Ela havia se apaixonado perdidamente pelo esposo.

Porém, o amor agora era o que menos importava. Vestida, abandonou o quarto.

Brandon merecia um sono descansado depois de tanto tempo de pura angústia. Contudo, Megan ainda tinha uma missão.

E era uma missão exclusiva dela.

Por mais que Brandon queria ser o macho alfa a proteger a fêmea, a incumbência havia sido dada por Masha naquela noite em que surgira diante da mortal.

E Megan não decepcionaria sua Deusa.



O grupo de Raoni estava acampado fora dos limites do feudo. Ela descobrira aquilo pelos camponeses que ainda procuravam o homem em busca de conselhos e cura.

Portanto, quando Megan surgiu no horizonte montada em um alazão branco, Raoni sorriu, erguendo suas mãos, crente de que havia conseguido conquistar sua lealdade.

— Eu sabia que viria, minha Senhora. Seu lugar é ao lado do seu povo.

Megan desceu do alazão. Estava revoltada, enojada, cercada por um montante de reações inexplicáveis desde que percebera a quem seguiu como guia espiritual nos últimos meses.

— Eu sei quem você é — ela disse, entregando as rédeas do cavalo a um dos religiosos do acampamento de Raoni.

Houve um pequeno silêncio. O homem pareceu estudá-la.

— O que quer dizer?

— Você sabe.

Raoni custou a acreditar, mas aquele olhar eloquente logo lhe deu a certeza de que Megan estava convicta.

— Como descobriu?

— Você acha mesmo que enganaria o sangue de Masha?

Os religiosos em volta do par pareciam estudá-los. Claramente, assim como ela, os seguidores de Raoni eram enganados por suas lendas inverídicas.

— Cadela vagabunda! — Raoni berrou, de súbito. — Está traindo seu destino por um pau para comê-la? Qualquer homem daqui te foderia! Não precisa de um braiano!

— Como se atreve a comparar meu amor a Deusa com minha relação com meu esposo? Aliás, foi exatamente meu amor por Brandon que me abriu os olhos para me guiar até onde Masha desejava.

Sentiu-se zozza com o tabefe que recebeu. Aquele momento pareceu deixá-la, primeiramente, em total apatia.

Em seguida, contudo, sobreveio a raiva. Seu olhar pareceu em fogo.

O fogo de Masha.

Capítulo 15

M A S H A



Raoni nunca entenderia como alguém sem porte físico e arma nas mãos poderia ter tanta vontade de lutar.

Megan atirou-se sobre ele, sopapos, chutes e socos dados em uma ordem desgovernada, com uma força sobrenatural.

Ele seria surrado pela mulher, não fossem seus cúmplices a agarrá-la. Um chute bem dado no pênis de um deles fê-lo arquear e soltá-la. Outros dois precisaram derrubá-la no chão.

E ali ficou Megan. Três homens a mantendo firme no chão e Raoni aos seus pés, carregado de raiva.

Repentinamente, ele ergueu suas saias. Deslizou as mãos pela pele branca e acetinada de suas coxas.

— Eu poderia fazer um filho em você — ele murmurou. — O que Masha faria diante disso?

Repentinamente, Megan foi solta.

— O que estão fazendo?

Os religiosos precisavam de uma pista. Sem saber, Raoni havia dito a que veio quando desafiou a Deusa.

Megan Riu quando percebeu-se sozinha com Raoni, os religiosos correndo em direções des governadas.

— Você vai me matar? — o clérigo indagou, sem mover um músculo. — Mate — provocou. — Será o começo do sangue de Masha a derramar vingança e ódio.

Como era difícil... Aquele homem, momentos antes, havia sugerido um estupro. E caso ela optasse por devolver suas ameaças, estaria fazendo exatamente o que ele queria.

De súbito, então percebeu-o engasgar. Sangue brotou em seus lábios e ele caiu a seus pés.

Pasma e assustada, Megan voltou-se na direção contrária, prestes a fugir do que quer que fosse, quando viu a Ruiva.

Ali... Masha. As mãos retas, asfixiando Raoni como ela mesma gostaria de fazer. Não havia, contudo, prazer no ato. Era apenas raiva e ódio. O ódio sobressaía-se a tudo.

Quando acabou, Megan tentou se aproximar. Todavia, Masha retrocedeu.

— Minha Deusa — murmurou.

— Não devia ter vindo — Masha retrucou. — Não há vergonha em uma mulher agarrar-se a força de seu marido.

Megan sentiu-se a pior das criaturas diante das palavras.

— Perdoe-me — implorou. — Eu avaliei erroneamente a situação.

Repentinamente, o som de cavalos. Megan imaginou que Masha sumiria diante da presença de Brandon – que não era ruivo – mas ela permaneceu onde estava.

O homem parou seu cavalo próximo da esposa e, após, correu até ela. Em algum momento do trajeto, ele percebeu o corpo morto de Raoni, mas tentou não se concentrar nisso. Havia muito ali para compreender e ele não tinha certeza de que seria capaz de abranger toda a imensidão da ocasião.

Apertou Megan nos braços. Quando Tuane lhe disse que a esposa havia pedido a direção do grupo de Raoni, ele desesperou-se. Não soube precisar se temia que ela o abandonasse ou se temia que algo de ruim lhe ocorresse.

Mas, ali estava ela. Viva e bem, protegida pelos seus braços musculosos.

A Ruiva divina caminhou até o corpo de Raoni. O casal a seguiu com o

olhar.

— Ele não morreu — ela anunciou. — Esse corpo morreu, mas o Maligno não. Não sinto mais a presença dele aqui, mas os anos que cá estive destruíram minha sanidade.

— O que diz?

— Que para essa terra é tarde demais.

Depois, Masha os encarou, solidária.

— Ainda há esperança — avisou, contudo. — Ainda haverá profetas e amor verdadeiro a tentar guiar o povo para o certo. Levantarei Reis e Rainhas até que o Maligno seja destruído. Apenas se nada der certo... Então sim... Então terei que lutar em carne.

— Lutar em carne?

Masha deu os ombros.

— Enquanto puderem, mantenham essa terra segura. — pediu. — Nunemesse e Keelin serão um refúgio para minha geração. De Keelin, daqui a muitos anos, virá o Rei Cael. De Nunemesse, mais tempo ainda, a Sacerdotisa Melissa.

A amplitude do plano os tocou. Não era algo imediato. Eles sequer veriam o que ocorreria no futuro. Por sorte, envelheceriam e morreriam antes de tudo se desgraçar.

— Enquanto vivermos, essa terra estará em segurança.

Masha sorriu. Aquela promessa ninou sua alma divina.



Samantha sorriu para a pequena figura ruiva que Megan acalentava.

— Ele não é lindo? — indagou à Evelyn, que já estendia as mãos, pronta a pegar o sobrinho no colo. — Que sorte que sua gravidez foi muito tranquila.

Megan concordou com a cunhada. Ao longe, naquele campo aberto onde faziam um piquenique, Erick, Finn e o marido Brandon conversavam sobre as plantações e meios de mantê-las protegidas do forte calor.

Repentinamente, o olhar de Brandon e o dela cruzou. O encontro com Masha se tornou um dos muitos segredos que compartilhavam.

— Você está feliz? — Samantha indagou, trazendo sua atenção à Sacerdotisa.

Desde que a família do marido havia aparecido para uma visita na semana anterior, a mulher Águia parecia querer indagar aquilo.

— Por que indaga?

— Meu irmão não é o melhor homem do mundo — foi franca. — No passado Brandon era muito...

Pareceu querer buscar as palavras. Megan riu.

— Mulherengo?

— Um canalha — Evelyn completou, rindo. — Erick ficava louco correndo atrás dele. Certa vez até se envolveu com uma mulher casada e o marido...

— Evelyn! — Samantha ralhou.

— Perdão... — A outra pareceu constrangida. — Eu e minha boca grande.

— Acredita que quando a conheci ela nem falava? — Samantha apontou. — Às vezes sinto falta do seu silêncio.

Riram, cúmplices. Claramente, eram grandes amigas.

— Brandon é um bom marido — Megan a tranquilizou. — E não se preocupe, porque se me trair eu o castro.

As mulheres trocaram um sorrisinho conivente. E foi assim que Brandon as encontrou ao seu aproximar.

Estendeu a mão para Megan e a puxou em sua direção. O bebê deles, nascido há dois meses, permaneceu no colo das tias, que compreendiam aquele

laço gentil de amor e necessidade de privacidade.

— Falavam mal de mim? — indagou, rindo maliciosamente.

— Como adivinhou?

— Acha que não conheço minha irmã? Ela era contra nosso casamento porque considerava que eu seria um péssimo marido.

Megan não sabia daquilo. Sempre acreditou que Samantha quisera Finn para si, e não pestanejara em entregá-la a mercê do irmão mais novo.

— Um péssimo marido?

— Ah, você sabe... Antes de você eu era como um galo que gostava de ciscar em terreno alheio.

Ela gargalhou.

— E depois de mim?

— Depois de você eu não sou louco de fazer isso — ele brincou, puxando-a para seus lábios. Depois do beijo curto, prosseguiu. — Você pensa nela? Como deve estar? — Seu pensamento se remeteu a Ruiva.

— Pior... — Megan respondeu. — Não percebe que o calor só aumenta dia após dia?

Brandon a abraçou, solidário.

— Eu sinto muito — ele murmurou.

— Eu também. Mas, o que posso fazer, farei. Enquanto eu viver, essa blasfêmia de separação por raças não vai prosseguir.

Brandon assentiu.

— Conte comigo, minha senhora — ele sorriu. — Estarei contigo nessa luta. E, acredite, Samantha também se empenhará por isso.

Megan assentiu. Olhando adiante sorriu diante da família que agora lhe pertencia.

Os caminhos de Masha podiam ser tortuosos, mas sempre a levaram ao lugar certo.

Suspirando, percebeu que esse lugar era o abraço gentil do marido.



Era possível ouvir o choro dela a distância.

Bran sentiu-se corroer diante da Ruiva agachada diante de um punhado de pedras onde meses antes uma fonte jorrava água cristalina.

— Secou? — a pergunta dele era descabida. Não havia mais água naquele lugar bonito.

— E quando meus amados animais passarem a morrer de sede, Bran? — ela gemeu. — E quando a peste alastrar pela falta de água.

— Nós sempre vamos lutar, Masha — murmurou. — Estou ao seu lado. Sempre estarei.

— Como está sua terra?

— Fria. Ainda não terrivelmente, mas já começa a sentir os efeitos da seca daqui.

— Vamos nos empenhar para salvarmos a natureza ao menos de Cashel.

Bran concordou.

— Seu irmão já havia me falado sobre isso. Ele está lá, tentando manter as matas e os animais seguros. Se a natureza está bem, o povo também permanece.

Masha assentiu.

— Se nada der certo, já escolhi a semente que me dará vida — disse a ele. — Seu nome será Mah.

— Mas, se tudo der certo, não carece encarnar.

— Estamos depositando todas as nossas esperanças em Esmeralda,

Brione, Iwan...

— E existem melhores pessoas nas quais podemos depositar nossa fé?

Ela volveu-se para o marido.

— Eu o amo, Bran — declarou, segura. — Eu quero a eternidade ao seu lado. Mas, se precisarmos, vamos abdicar da imortalidade.

— Sim, querida. Se precisarmos, faremos isso. Eu nasci para ti. E para ti, morrerei.

Ela sorriu.

Assim como Megan encontrou seu porto seguro em Brandon, Masha sempre teria a Bran. Um amor que cruzaria as eras.

~~ Fim ~~

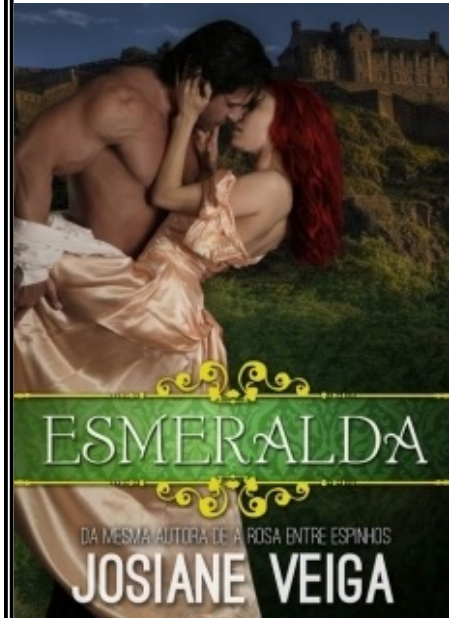
A SAGA DOS REINOS

LIVRO 1

Três reinos. Três povos. Uma mulher, unindo todos eles...

Esmeralda de Cashel era uma imunda. Filha de um estupro, uma branca em terra de negros. Tudo que buscava em sua vida era encontrar o maldito homem que havia destruído sua mãe... Mesmo que para isso ela precisasse avassalar o coração solitário de um Rei amargurado.

Cedric de Bran via seus dias cruzarem diante de seus olhos por trás de uma máscara que escondia seu rosto deformado. Não acreditava no amor, mas, quando chegou ao seu reino uma mulher de cabelos vermelhos e olhos cor de esmeralda, ele não pôde escapar da magia que parecia dela emanar.



LIVRO 2

O amor os destruiu...

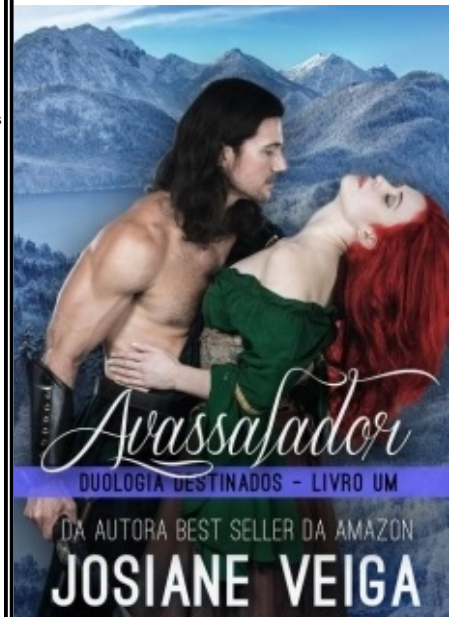
Elisabeth de Brace era descendente direta da antiga e mitológica Rainha Esmeralda. Contudo, não herdou a audácia e a coragem de sua antepassada. Presa num mundo cruel, dada por noiva a um rapaz que não desejava, aceitou a passagem de seus monótonos dias sem reclamações.

Contudo, a desistência do casamento por parte de Andrew Clark, fez-na perceber que as coisas poderiam piorar. Para fugir de outro matrimônio, dessa vez com um homem desonrado e repugnante, aceitou deitar-se com um bastardo sem nome, que a levou a uma vida de dissabores e desilusão.

Joshua, o bastardo, nunca creu que Elisabeth um dia fosse sua. Cumpru seu papel de amigo na vida dela, honrando-a e amando-a em segredo. Porém, quando ela implorou que a tomasse, ele não pestanejou.

Entretanto, Joshua não havia nascido para um relacionamento. Além da vida desgarrada, ele não confiava nos sentimentos da esposa, e a torturava com seu ciúme e desconfiança.

Como o amor entre eles poderia florescer se a dúvida pairava o tempo todo entre ambos?



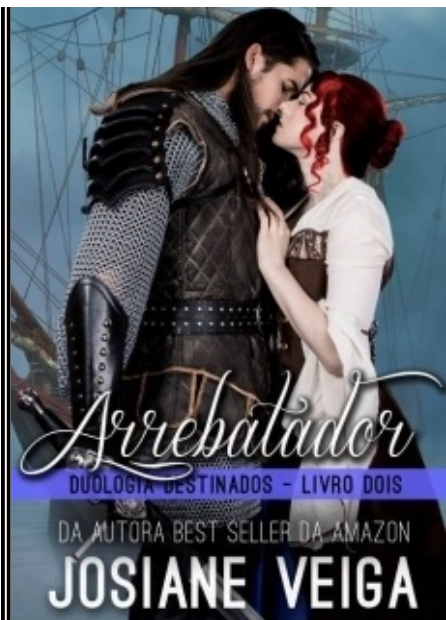
LIVRO 3

Pilhar, roubar, destruir... Nada disso satisfazia ao bastardo pirata Joshua.

Navegando pelos mares dos deuses, ele provocava o Rei com suas estratégias cruéis de assalto.

Porém, o que ninguém imaginava é que tudo que fazia tinha um objetivo. Precisava de ouro para voltar ao reino de Bran e destruir a mulher que um dia ele amara.

Elisabeth Clark pagaria caro por sua traição, mesmo que, para isso, ele precisasse destruir-se junto com ela.



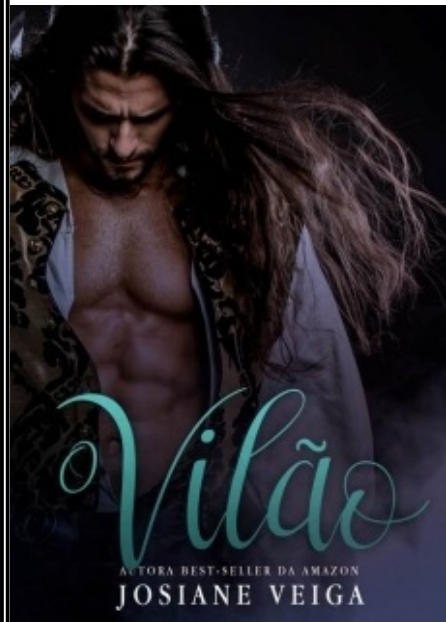
LIVRO 4

Seria o amor capaz de curar feridas tão profundas?

Quando o Rei Iwan de Masha herdou o trono, a lei que punia os bastardos pelos pecados de seus pais foi extinta. Por conta disso, Norman, um rapaz destruído pelos castigos anteriormente praticados contra si, é reconhecido como filho único do lorde mais abastado de Masha.

Levado das masmorras até a nobreza, ele se torna o novo senhor de Nunemesse, a região mais quente dos reinos. Contudo, em si, tudo que restou foi o ódio. Anos e anos de apedrejamento, clausura e tortura o tornaram alguém seco e cruel.

Nesse ínterim, Melissa, uma jovem ignorada e subjugada, é lhe dada em casamento. Porém, como a simplicidade do amor poderia competir com a maldade e a dureza de um coração tão perturbado?



LIVRO 5

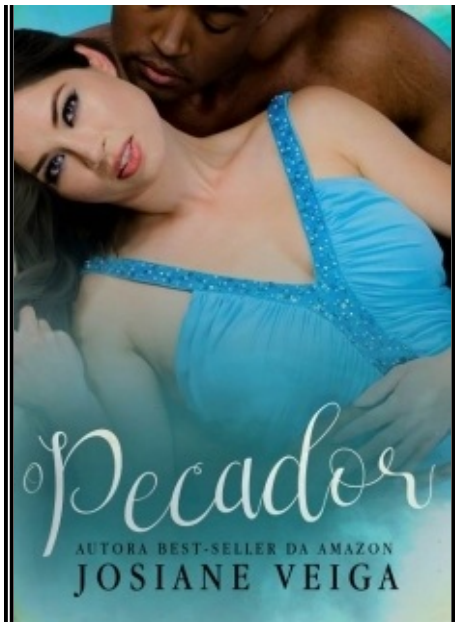
Nas terras montanhosas de Cashel, princípios antigos desejam renascer.

Gideon cresceu à sombra de uma antiga religião. Acredita que os princípios destruídos pelos Reis são a base para que a terra de Cashel volte a ser rica e próspera.

A fome assola seu povo, a peste ceifa da criança ao ancião, e o jovem guerreiro busca por vingança. Os Deuses devem ser punidos por terem esquecido o povo de pele escura.

Porém, tudo cai por terra ao conhecer a sobrinha do Rei. A morena de olhar intenso e temperamento difícil faz com que seu corpo exploda num desejo avassalador.

A jovem Élen lhe é proibida. Amá-la é um pecado. Gideon não pode fugir da iniquidade.



LIVRO 6

O amor e o ódio mesclados nas geladas terras de Bran.

Lana era uma Vagante, membro de um clã que andava entre os reinos em busca de trabalho. Aprendeu a arte da dança e das ervas desde cedo e, desde cedo, sonhou com liberdade.

Contudo, quando levada até o norte de Bran, viu-se alvo dos desejos voluptuosos de Brian Clark, o novo Senhor de Castelo Branco.

Fugir do homem mostrou-se impossível. Resistir a ele, mais ainda. Mas, havia uma promessa feita a Deusa Masha. Lana precisava do homem certo para trazer ao mundo o Deus Bran. E esse homem com certeza não seria alguém tão perverso quanto o homem audacioso que a fazia tremer.



DEMAIS LIVROS DA AUTORA

Curta a página no facebook e conheça todos os livros.

<https://www.facebook.com/JosianeVeigaOficial>



Josiane Biancon da Veiga nasceu no Rio Grande do Sul. Desde cedo, apaixonou-se por literatura, e teve em Alexandre Dumas e Moacyr Scliar seus primeiros amores.

Aos doze anos, lançou o primeiro livro “A caminho do céu”, e até então já escreveu mais de vinte livros, dos quais, vários destacaram-se em vendas na Amazon Brasileira.



Table of Contents

[Dedicatória:](#)

[Nota da Autora:](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[A SAGA DOS REINOS](#)

[DEMAIS LIVROS DA AUTORA](#)